

ILUSTRAÇÃO

N.º 262 — 11.º ano



BRINCO DE PRINCESA

(Aquarela do rei D. Pedro V)

UMA OBRA QUE É UMA FORTUNA

LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

ENCICLOPÉDIA DOMÉSTICA

NOVA EDIÇÃO MUITO AMPLIADA

COLECÇÃO METÓDICA DE

7.113 RECEITAS

OBRA ILUSTRADA COM 200 GRAVURAS

Coordenação de SEAROM LAEL

O LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sôbre todos os ramos profissionais e artísticos a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia.

Obra de incontestável utilidade para tôda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMÍLIAS

são tratados todos os assuntos que muito interessam à vida pratica, como os referentes a:

Adorno de casa — Medicina prática — Maternidade
— Mobiliário — Jardinagem — Farmácia doméstica
— Géneros alimentícios — Lavagens — Colas —
Vernizes — Higiéne — Conservas — Animais do-
mésticos — Perfumarias — Iluminação e calefação
— Couros e peles — Metais — Doçaria — Massas
e cimentos — Socorros de urgência — Lavoros e
passatempos — Rendas e bordados — Tintas — Te-
cidos e vestidos — Estrumes e adubos, etc., etc., etc.

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

Um grosso vol. de 1.192 páginas, encadernado em percalina . . . **Esc. 30\$00**

Pelo correio à cobrança, **Esc. 33\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO
 Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
 Editor: José Júlio da Fonseca
 Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa
Preços de assinatura

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Um único tubo de Cafiaspirina

na sua farmácia caseira significa que um medicamento de propriedades únicas está sempre ao seu dispôr e de todos os seus, para atalhar múltiplos sofrimentos. Sejam — dores de cabeça, de dentes, de ouvidos, etc., — a Cafiaspirina traz alívio imediato. Peça sempre bem claramente "Cafiaspirina", com a cruz Bayer na embalagem e em cada comprimido



Cafiaspirina

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume. — Alexandre Her-
 culano, um volume. — Antero de Figueiredo, um volume.
 — Augusto Gil, um volume. — Camões lírico, cinco
 volumes. — Eça de Queirós, dois volumes. — Fernão
 Lopes, três volumes. — Frei Luís de Sousa, um volume. —
 Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume. — João de
 Barros, um volume. — Lucena, dois volumes. — Manuel
 Bernardes, dois volumes. — Paladino da linguagem, três
 volumes. — Trancoso, um volume.

Cada volume brochado. 12\$00

Cada volume encadernado. 17\$00

Pedidos à **Livraria Bertrand**
 75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

PRODUTOS



Os cuidados necessários para que a beleza se mantenha, são delicados e requerem uma escolha judiciosa de produtos, destinados a conservar a frescura e o encanto da juventude.

Os produtos de **M.me Campos, Rainha da Hungria, Yildizienne, Rosipôr, Oly, Rodal, Mystik**, etc., são excelentes preparados que conforme a natureza da epiderme, assim devem ser usados. Para cada caso especial da sua pele ou correção de formas. Consulte-nos e peça catálogos.

ESTABELECIMENTO CIENTIFICO DE CULTURA ESTETICA
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA
 Av. da Liberdade, 35 LISBOA Telef. 2 1866

MAIS JOVEM TÔDAS AS MANHÃS



substâncias podem agora ser-lhe restituídas sob a forma de «Biocel», produto admirável do Professor Dr. Stejskal, da Universidade de Viena. O «Biocel» está, presentemente, contido no Creme Tokalon. Alimento para a Pele, Cór de Rosa. Com o seu uso, uma pele enrugada pode ser rapidamente rejuvenescida — um rosto velho, tornar-se, fresco, claro e juvenil.

Experimente, esta noite mesmo, o Creme Tokalon, Alimento para a pele, Biocel. Amanhã de manhã, constatará já uma surpreendente diferença. Durante o dia, empregue o Creme Tokalon, Alimento para a Pele, Cór Branco, (não gorduroso). Depois dum mês de aplicação parecerá, pelo menos, 10 anos mais nova. Felizes resultados são garantidos, ou então, será reembolsada do seu dinheiro.

Experimente esta receita a partir desta noite

Graças a esta maravilhosa descoberta, as rugas podem ser obrigadas a desaparecer, e a pele a adquirir a sua beleza juvenil.

A Ciência sabe, desde há muito, que é o desperdício de certos elementos vitais da pele que causa as rugas. Estas preciosas

À venda em todos os bons estabelecimentos.

Não encontrando, dirija-se à **AGÊNCIA TOKALON**

88, Rua da Assunção, LISBOA que atende na volta do correio.

Estão à venda os últimos exemplares do
ALMANAQUE BERTRAND
para **1937**

38.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de todas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em todas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Encontra-se à venda em todas as livrarias

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 406 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança, mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Prémio Ricardo Malheiro

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dór — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., broch. . . . **12\$00** enc. . . . **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer a 3.ª edição

BERNARDES

DA ANTOLOGIA PORTUGUESA

Organizada pelo Dr. **AGOSTINHO DE CAMPOS**

2 volumes de 274 págs. cada um, broc. Esc. **24\$00**

Pelo correio à cobrança Esc. **27\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A VENDA

PSICOPATOLOGIA CRIMINAL
CASUIDICA E DOCTRINA

Pelo **Prof. SOBRAL CID**

Doutor em medicina pela Universidade de Coimbra — Prof. de Psiquiatria na Universidade de Lisboa

Prefácio do **Prof. Azevedo Neves**

1 vol. de 238 pág., formato 23 × 15, broc. Esc. **25\$00** = Pelo correio à cobrança Esc. **27\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UM GRANDE SUCESSO DE LIVRARIA

FÁTIMA

GRAÇAS * SEGREDOS * MISTÉRIOS

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

Um volume de 378 páginas, brochado, com capa a cores e oiro . . . **12\$00**
Pelo correio à cobrança **13\$50**

Pedidos aos editores: LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas sómente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entrecho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviada-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escrinio de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

Caminhos da vida
Em volta dum testamento
Pequena rainha
Dívida de honra
Casa de família
Entre espinhos e flores
A estátua velada
O grito da consciência
Romance duma herdeira
Pedras vivas
A pupila do coronel
O segredo de um berço
A vila das pombas
O calvário de uma mulher
O anjo do lar
A fôrça do Destino
Batalhas do Amor
Uma mulher ideal

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias

Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Um romance formidável!

SEXO FORTE

por SAMUEL MAIA

3.^a ed. Éste romance de Samuel Maia, dum vigoroso naturalismo, forte no desenho dos caracteres e na mancha da paisagem beirôa dada por largos valores, estuda a figura de um homem, espécie de génio sexual (na expressão feliz do neuriatra Tanzi), de cujo corpo parece exalar-se um fluido que atrai, perturba e endoidece todas as mulheres. Com o **SEXO FORTE** Samuel Maia conquistou um elevado lugar entre os escritores contemporâneos — *Júlio Dantas*.

1 volume de 288 páginas, broch. . . . **10\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podais acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais **ACTIVO** prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GOTA**, a **SCIÁTICA** os **REUMATISMOS** Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica e *Um unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.*

À venda em todas as Pharmacias **Produits BÉJEAN - Paris**

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ, MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE HONRA** na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■■■

Banhos de agua termal, Banhos de agua do mar quentes, BANHOS CARBO-GASOSOS, Duches, Irrigações, Pulverisações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz, Calor, Electricidade médica, Raios Ultra-violetas, DIATERMIA e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



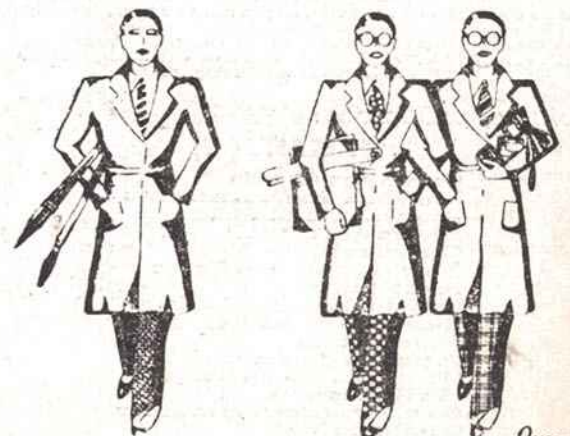
Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 12



GRAVADORES

IMPRESSORES



Um livro do grande escritor
AQUILINO RIBEIRO
Quando ao gavião cai a pena

1 vol. de 272 págs. **Esc. 12\$00**

Pelo correio à cobrança . **Esc. 13\$50**

Pedidos aos Editores **LIVRARIA BERTRAND**
75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

TELEFONE
2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEPHONE: -
2 0535

N.º 262 - 11.º
16-NOVEMBRO-1986

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

Há dezoito anos, o general Foch, em face do pedido de armistício que os alemães apresentaram, sujeitando-se a todas as condições que lhes fôsses impostas, coroou a sua obra com esta formidável proclamação:

«Oficiais, sargentos e soldados dos exércitos aliados: Depois de terdes resolutamente detido o inimigo, durante meses, o atacastes sem tréguas, e com energia indomável. Ganhastes a batalha mais memorável da História e salvastes a causa mais sagrada: a liberdade do Mundo. Sede activos! Engalanastes vossas bandeiras de uma glória imortal. A posteridade vos será reconhecida.

O marechal de França: Comandante em Chefe dos Exércitos Aliados: F. Foch.

O 18.º ANIVERSÁRIO DO ARMISTÍCIO

Naquele dia festivo, em que surgia a paz estendendo as suas asas calmas sobre as multidões angustiadas, voltou a raiar a esperança em dias melhores. A dura lição da guerra deveria ter bastado para fazer compreender aos loucos ambiciosos que o Mundo é suficientemente grande para que todos os seus habitantes tenham o seu lugar com todos os benefícios que a vida deveria conceder. Voltava a raiar a paz, e desta vez mais sólida, mais forte e duradoira. Pelo menos,

foi o que o Mundo pensou há dezoito anos.

Hoje, que voltamos a sofrer a tremenda ansiedade de 1914, chegamos a confundir o espectro da situação espanhola com o trágico acontecimento de Serajevo.

Quando, há dias, fomos em romagem junto do Monumento aos Mortos da Guerra, sentimos que alguma coisa vibrava dentro de nós. O culto pelos heróis tombados no campo de honra, fortaleceu-nos mais a fé que temos nos destinos da nossa Pátria. Enquanto Portugal tiver os alicerces da sua nacionalidade no coração de todos os portugueses, viverá. Uma Pátria, que levou a civilização aos confins do Universo, tem direito ao respeito de todas as pátrias que do seu esforço beneficiaram.



RUINAS DE TOLEDO



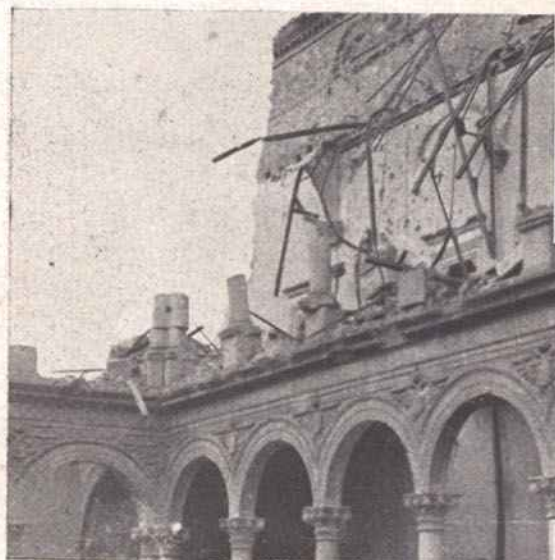
As gravuras que ilustram esta página representam apenas alguns aspectos dos destroços causados em Toledo, e que demonstram o que é e o que pretende a fúria marxista que deseja abalar os alicerces de Espanha, o grande país de tão belas tradições



Destroços, luto, horror... Aquelas bocas escancaradas das ruínas parecem gritar justiça como almas do purgatório suplicando uma prece para a conquista da bemaventurança



Mais ruínas, mais luto e mais dor! Os funestos estragos da fúria vandálica que passou por ali e que parecem bradar aos céus contra um crime nefando em que não acreditaríamos se não o estivéssemos contemplando



Mais derrocadas ainda! Eis o que espalha a funesta ideia que tenta abolir o sagrado amor da Pátria. Reparem em tudo isto e diga quem tiver alma e coração se pode assistir a uma tal infâmia sem um protesto indignado



A nossa Pátria é a nossa Mãe e, por lhe quisermos tanto, é que daremos sem hesitar a nossa vida por ela. Os seus monumentos são para nós tão queridos que porremos à sua frente os nossos peitos para os poupar. Se alguém se levanta a insultá-la, quanto mais a assassiná-la, devemos opôr-nos com toda a nossa alma, a nossa energia e o nosso valor. Neste momento, temos a certeza de que a velha Espanha, que também teve a sua epopeia gloriosa e conserva ainda os seus heróis, saberá sair do apuro, e mostrar ao mundo que o seu amor patriótico não esmoreceu. E, assim, o torrão de Isabel a Católica tornará a ser aquela Pátria grandiosa e eterna

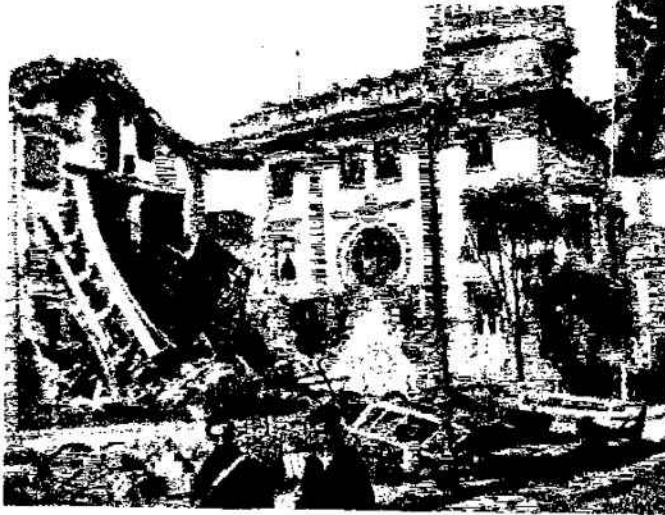


A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

ASPECTOS DE OVIEDO



Uma vista de Madrid apresentando a parte oeste numerada para melhor compreensão do leitor. Surge em frente a Gran Via (1) - Avenida do Conde de Peñalver (2) - Avenida Pi y Suñer (3) - Ciuena Moderna (4) - O Palácio Nacional (5) - Praça de Espanha (6) - (7) O quartel da Montaña



O lastimoso aspecto de um edifício de Oviedo completamente destruído pelas bombas dos azeites. Sobre essas ruínas é que há de construir-se uma Espanha nova, cheia de vida e esperança, e pronta para as mais belas realizações. É dolorosa a operação, mas assim sucede sempre nas grandes enfermidades



O general Aranda, herói de Oviedo rodeado por oficiais da sua coluna. Os rigores da guerra não lhe fizeram esquecer os nobres sentimentos de espanhol de lei. Pode até dizer-se que para bravos desta índole, são os mais temedidos perigos que lhes enrijam a resolução. Enquanto a Espanha tiver tais filhos não, ode recetar pelo seu futuro de nação civilizada



Em Oviedo, a população procurando os abrigos ante a aproximação dos aviões que costumam bombardear a cidade. A luta, como se vê, prossegue encarniçada, mas não tardará a surgir o triunfo daqueles que não querem ver a sua querida pátria desmantelada pelo talão moscovita, nem aniquilada por teorias tão criminosas

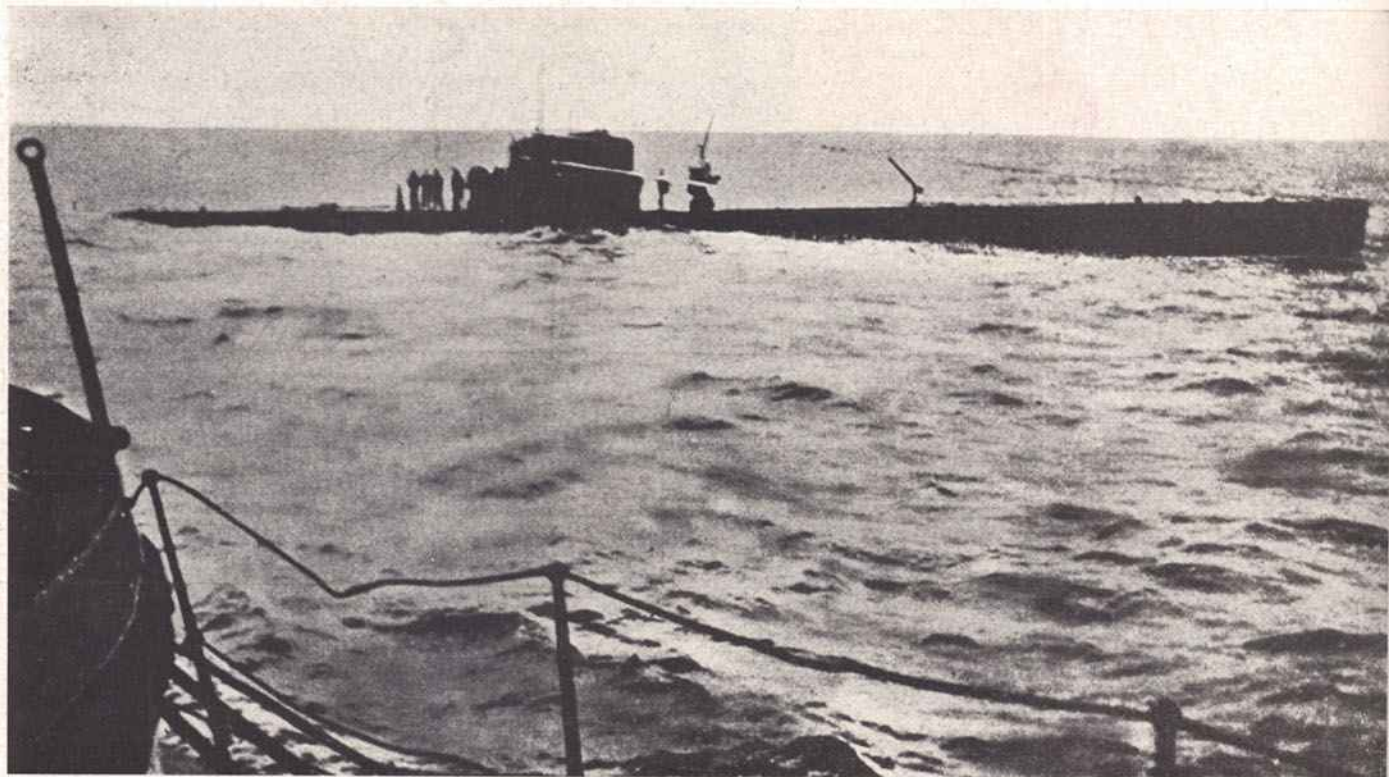


Soldados marroquinos atravessando Oviedo após a sua libertação que a bravura do general Aranda tornou possível. Nada está a certeza do triunfo. Chegou a afirmar-se que Oviedo seria esmagada com todos os seus heróicos defensores, leve-se isso como certo, ante a força bruta que ameaçava a cidade. Nada disso se deu porque se operou o milagre que só um acentuado patriotismo poderia realizar. Assim, podem os nacionalistas espanhóis ter confiança na sua vitória. - Em baixo, à esquerda: mulheres e crianças em Oviedo, saindo dos abrigos após um bombardeamento que durou meia hora. Queiram alguns edifícios, mas a fé inquebrantável dos patriotas espanhóis continua a manter-se mais firme do que nunca

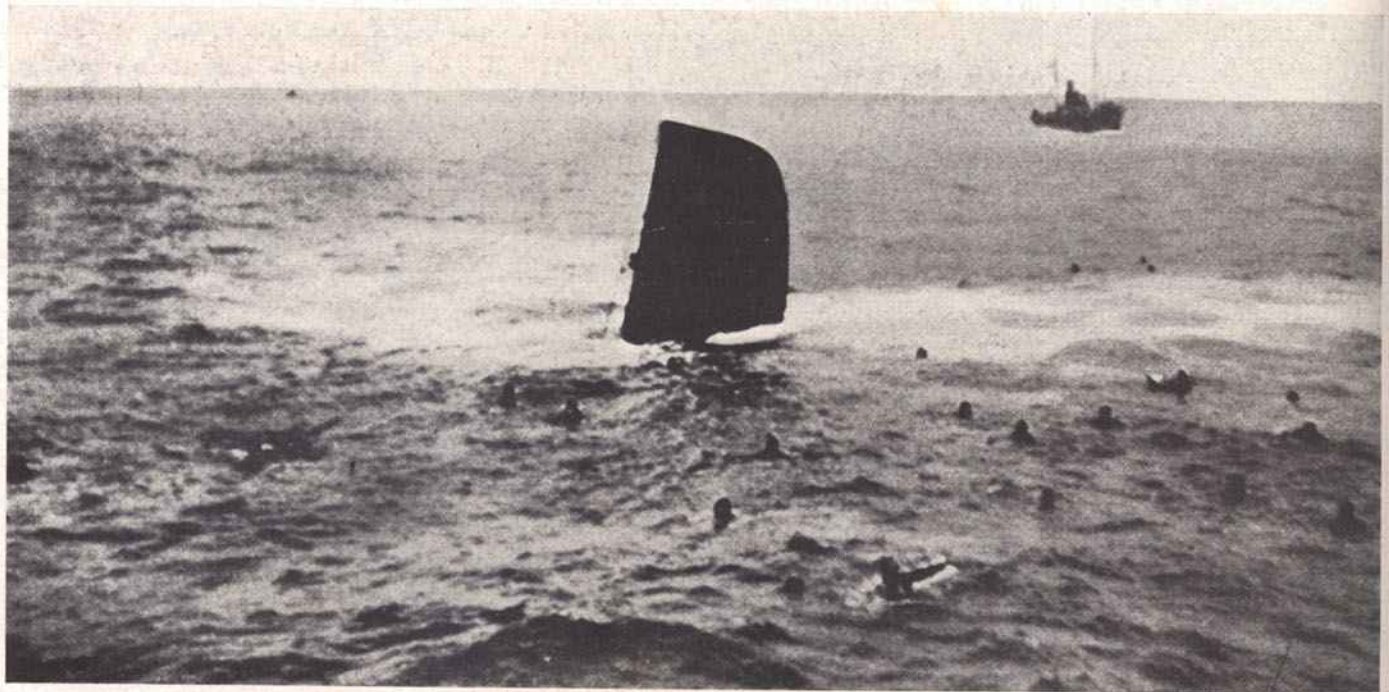


A GUERRA CIVIL EM ESPANHA

O FIM DO SUBMARINO GOVERNAMENTAL "B-6"

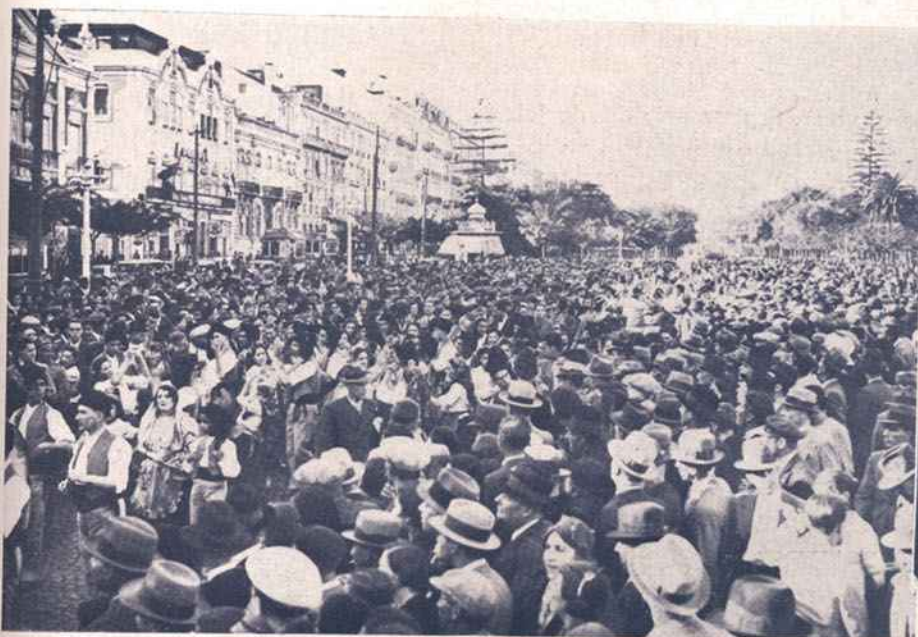


O magnífico cliché que acima reproduzimos foi tirado de bordo do contra-torpedeiro «Velasco», momentos depois d'êste barco nacionalista ter bombardeado o submarino governamental «B 6», no mar Cantábrico, ao longo do Cabo Peñas. Tendo sido descoberta a passagem do submarino pelo reboca lor artilhado «Galicia», êste abriu fogo para o atrair, avisando, entretanto, pela T. S. F. o «Velasco» que andava próximo. O submarino, mal dirigido como se calcula, decidiu dar combate, mas à superfície, tomando a atitude dum couraçado! Aproximando-se o «Velasco», atingiu o «B 6» com duas granadas que lhe furaram o casco abaixo da linha de água. Era o fim! Dali a pouco nada restaria sôbre a face verde e revolta do Oceano...



Um aspecto dos derradeiros momentos do submarino «B 6», afundado pelo contra-torpedeiro «Velasco». Trinta e nove dos tripulantes do submersível nadam alitivamente para atingir o barco nacionalista ou as baliciras que êste arriou para salvamento. Cumpriam-se fielmente as leis da guerra, dando-se com tóda a humanidade meios de salvação aos tresloucados náufragos que poderão meditar agora, com mais tempo e ponderação, na sua louca aventura. Esta fotografia é o mais eloquente documento d'êste lance terrível que constituiu uma grande vitória para os nacionalistas espanhóis que, num rasgo de patriotismo, lutam infatigavelmente pela redenção da sua querida Espanha

A FESTA DA VINDIMA



Promovida pelo Centro dos Estudos Científicos do Vinho e da Uva realizou-se a Festa da Vindima que resultou bilhantíssima. A gravura acima dá um aspecto do cortejo na Avenida da Liberdade.



A actriz Adelina Fernandes com o simbólico cesto de uvas à cabeça, que muito contribuiu para dar realce à simpática festa que é a primeira que se efectua entre nós.



Os ranchos do Termo de Lisboa, Setúbal e Colares bailando em frente do palácio do Município. As raparigas, ou ataviadas nas suas saias rodadas com barra vermelha, lenço azul mais desmaiado e botas de cordavão, ou com os seus lenços escarlates e chambre caído por fora da saia de riscas várias ao jeito saloio bailam alegremente com os rapagões de blusão de chita aos quadrinhos e barrete de borla.



A actriz Célia Mendes vestida à moda de Colares com a blusa florida, avental e botinas, conduzindo à cabeça o cesto simbólico das vindimas que são o orgulho da nossa querida Terra. Esta festa faltava em Portugal que é o País do Vinho.





Uma campa abandonada

Após o dia de Todos os Santos, o dia de Todos os Mortos! Nada mais eloqüente do que esta homenagem para demonstrar que no empedernido coração da humanidade ainda fulgura um lampejo de gratidão.

Na época própria, todos os têm os seus entes queridos na fria paz da sepultura, vão perturbar-lhes o sono eterno com a prática do seu culto abnegado e simples.

E, então, as campas rasas e os jazigos vistosos aparecem engrinaldadas de flores, dando o cemitério a impressão de um arraial festivo, embora sem gritos, nem palmas, nem foguetes.

Nesse dia — o Dia de Finados — os vivos correm a confraternizar com os mortos, aliviando assim um pouco o peso das suas saudades.

Está prometido por Deus que, no Dia de Juízo, todos os mortos se erguerão

das campas, a dar contas dos actos praticados neste mundo. O grande tribunal funcionará com toda a solenidade e rigor no Vale de Josafat, não havendo apelação nem agravo para as sentenças pronunciadas. Nessa altura, todos nos encontraremos, tudo levando a crer que sempre se arranjará um intervalozinho para matar saudades e trocar impressões.

Toda a gente tem isto como certo, mas não deixa de ir visitar os seus mortos queridos. Esperar pelo dia do Juízo Final seria superior à tortura da nossa saúde...

Além d'isso, "candeia que vai adiante..."

O culto pelos mortos, sendo o mais fervoroso, o mais puro e o mais desinteressado de todos os cultos, é a mais flagrante prova do raciocínio humano.

Todos os crentes espalhados por esse mundo, sejam cristãos ou judeus, mahometanos ou budistas, procuram um único objectivo: a recompensa que Deus lhe reservará após a morte.

E assim se explica o velho estribilho — "quem dá aos pobres empresta a Deus" — tantas vezes aplicado, no momento próprio, a todo o sovina endinheirado que se obstina em negar uma esmola para qualquer fim pidooso.

Ora, o culto pelos mortos, não oferecendo essas vantagens e regalias, é o mais sublime de todos. Recordar quem morreu é manter no espirito a imagem de quem nos foi querido, e que, além da sepultura, ainda parece sorrir-nos como no tempo em que se arrastou por este mundo de enganos.

Após o dia consagrado a Todos os Santos, porque não havia de ser dedicado um dia à doce memória dos nossos defuntos?

Quem melhor do que esses entes queridos poderá intervir por nós ante o Juiz Supremo?

No fundo, desafogamos a nossa saudade...

Eis porque no Dia de Finados, vamos todos, sobraçando flores, engrinaldadas as campas dos entes queridos que ali repousam no impenetrável silêncio da morte.

E como é poderosa a eloqüência do

UM CULTO SUBLIME

A ELOQUÊNCIA DO DIA DE FINADOS

Quando a vida se encaminha a confraternizar com a morte

silêncio dos cemitérios. Quando entramos no campo santo, a morte, que tanto nos apavora em momentos felizes, aparece-nos em atitude amiga, quasi acariciante, a dar-nos conforto, ânimo e resignação.

Ficamos compreendendo, sem terror, que tudo ali termina, e todas as loucas



A vida e a morte

ambições que nos impeliram através da vida em ódios ferozes e vinganças mesquinhas, não passavam de poeira que o vento espalhou com o maior desdem.

Recordamos então as significativas quadras dum poeta há muito falecido de que ninguém se lembra hoje em dia:

*Feliz do que pudér, na hora derradeira,
Volvendo extremo olhar à vida que passou,
Dizer: Bemvinda a paz! Liberta da poeira,
Minha alma entrego a Deus, qual Deus me confiou!*

*Não deixo atrás de mim as lágrimas e o luto,
Não fui caluniador, não dilamei ninguém;
Amei sempre fiel, e, da virtude o fruto
Na caridade achei fazendo sempre o bem!*

E' certo que poucos poderão balbuciar esta prece à hora da morte... No entanto, todos compreenderão que a verdade, a grande e única verdade está escrita nos frios epitáfios das sepulturas que visitamos.

Zamacois, visitando, há tempos, um cemitério de Itália, exprimiu assim a sua impressão:

"Morrer!... Eis um mo-

mento em que todos devemos pensar, não para temer a morte, mas para a esperar com uma atitude digna e frases de superioridade e beleza.

"Assim devemos proceder, quer o morrer seja, como os materialistas asseguraram uma "extinção da consciência" uma paralisação da massa cerebral donde a



Flores para os mortos

luz pensante brota como o aliviado critério espiritualista nos segreda, o ressurgimento da alma, a epifânia milagrosa do "Eu" que, sem esquecer-se do que era, penetra noutra vida.

"Morrer é saber tudo, é saber porque parou o coração e se os defuntos nos ouvem quando os chamamos. Morrer é ver o mesmo que os seus olhos vítreos vêem quando nos fitam..."

E Zamacois remata assim a sua crónica:

"Tenho já meditadas as palavras com que hei de despedir-me em tão assinalado transe. Nenhuma das "últimas frases", célebres me agradam: na de Franklin, por exemplo, há excessiva *bonhomie*; na de Goethe, demasiada angústia; na de Rabelais, demasiada ironia; nas de Mirabeau, descomedida vaidade...

"Eu — a menos que o tino se me turve, direi simplesmente: "Vamos a ver como é isso!..." São umas palavras traquillas, nem alegres nem graves, palavras elegantes de auto-inspecção, de curiosidade e de turismo, palavras de um homem para quem toda a viagem tem encanto..."

Deixemos o ilustre escritor

espanhol com a sua ironia, e vamos visitar os cemitérios de Lisboa, neste inolvidável Dia de Finados.

Durante o trajecto, quantas actividades procurando viver da morte! Quanta gente ocupada em flores para enfeitar sepulturas!

No recanto duma rua observamos uma vendedeira que despejara, em curto praso, os cabazes que trouxera cheio de flores! Como uma senhora dasejasse comprar-lhe um grande ramo de crisântemos que restava, e parecia posto de lado, a vendeira, negou-se a vendê-lo, explicando: — "Essas flores estão reservadas, minha senhora. São para a campa da minha filha!"

Entremos no cemitério. Se não fôsse o silêncio pesado e triste que ali reinava, dir-se-ia que estávamos num vasto e grandioso arraial. Todas as sepulturas pareciam sorrir, engrinaldadas por mãos piedosas.

Isto é, todas não. Num recanto, fômos encontrar uma campa completamente abandonada, tendo apenas a marcar-lhe o sítio uma mísera tableta com esta designação: 987-1933. Nada mais! Esse desventurado, que na morte recebera um número, repousa ali há três anos sem que um parente, um amigo, alguém, em suma, de bons sentimentos o vá visitar para lhe patentear a sua amizade e a sua gratidão!

E daí — quem sabe? — pode ser que esse misterioso 987 tivesse espalhado benefícios prodigamente enquanto andou por este vale de lágrimas e ingratidões!

Se fôsse possível profundar na alma de cada um o que ali se passa, e arrancar cá para fóra o que cada um pensa, que de coisas espantosas surgiriam à luz do sol!

Os parentes ou amigos de qualquer pobre morto abandonado explicaríamos talvez deste medo o seu desleixo: "Pois se levamos anos e anos à espera que ele morresse e com tal ansia que até lhe abreviamos o fim à força de desgostos sobre desgostos, ainda havíamos de ir carpir em cima da sua sepultura?! Era o que faltava! Não que ele não deixou com que pagar lágrimas por poucas que fossem!"

Se pudessemos sondar as almas e obrigá-las a revelar francamente o que sentem, havia de aparecer isto e muito mais...



Uma campa florida

Assim se justifica a afirmação dum velho que conhecemos em Guimarães e que nos dizia freqüentemente:

— De fazer mal nunca me arrependi, mas de fazer bem tenho-me arrependido sempre.

Felizmente, estes exemplos são tão poucos que quasi não vale a pena falar nêles.

A multidão compacta que observamos, espalhando flores sobre a última jazida dos seus mortos, supre bem um ou outro ingrato que se esqueceu de ser agradecido ao menos uma vez por ano.

Encontramos mais compondo a sepultura dos filhos com um tal carinho que nos dava a impressão de lhes estarem aconchegando o berço.

Dia de Finados!

Como é doce evocar os nossos mortos, e dedicar-lhes um dia de consagração no *Flos Sanctorum* da nossa saúde!



A prece da saudade

No arraial da morte

A LUTA PELA VIDA

A propósito do nosso último artigo sobre os mercados e a porfiada luta travada entre quem compra e quem vende, recebemos uma carta, dando-nos tôda a razão. Salienta a "dona da casa," que a subscrive que, ao contrário da maior parte das suas colegas, é das que vai à praça, a fim de não ser intrujada pelas intermediárias.

E remata assim a sua missiva:

«A boa dona de casa não confia seja a quem for as suas compras. Logo de manhã dirige-se á praça, e procura orientar-se.

Vai percorrendo os lugares com uma paciência beneditina, e, ao cabo de sete ou dez voltas no extenso mercado, acaba por conseguir obter o que desejava sem desequilibrar o seu orçamento.

E é vêr a satisfação com que declara ter poupado um tostão no quilo de ervilhas ou cinco centavos na dúzia de pezas.

Se adrega parar em frente das bancadas, do peixe, é curioso observar as diferentes maneiras de classificar o que está exposto.

— O' minha senhora, — diz a peixeira



— olhe que ricos carapaus êstes! Até parecem cavalas!

— Ora, — responde a senhora — costume comprá-los maiores para o meu gato...

E segue a apreçar, a fim de tomar o pulso às vendeiras. E' certo que aqueles carapaus estavam na conta, e não eram muito caros. Mas quem lhe diz que, mais adiante, não encontrará melhores ainda e por metade do preço? Se não encontrar, não há nada perdido, a não ser o tempo. Volta atrás, e faz o negócio.

Se a ânsia da vendedeira é conseguir impingir o seu peixe pelo mais alto preço, a tática de quem sabe comprar, é dar o menos possível.

Esta luta repete-se todos os dias, e sempre com a mesma intensidade.

— Ó freguesa, hoje não leva nada?

— Não que você ontem impingiu-me dois ovos pôdres na dúzia que me vendeu.

— Parece impossível! Pois eram fresquinhos, acabados de pôr... Essa lhe afianço eu... Assim Deus me salve! Olhe para estes...

— Não, não. Prefiro comprá-los na mercearia lá da rua.

— Ora francamente... Como se os ovos do merceiro fôsem melhores do que os meus!

Mais além, é uma vendedeira de criação que pretende fazer negócio.

— Tenho aqui um pato reservado para a senhora. Está gôrdo que é um amor!

Pelos modos, a colareja entende que o travêso Cupido tem as proporções do saudoso Chico Redondo!

— Não lhe compro mais patos — responde a senhora — aquele que lhe comprei ante-ontem sabia a peixe. O bicho foi engordado a sardinhas... Até no prato cheirava a peixum que tresandava.

E' esta a via-sacra de quem se préza saber governar um lar.

É certo que, por vezes, o marido torce o nariz a tudo, alegando que se tivesse ido à praça, faria melhor figura...

Pobres imbecis! Que pena não levarem por diante a sua basófia! Se, um dia, tentassem efectuar esta experiência, cairiam no mais desastrado fiasco. Nestas batalhas do "compra e vende," travadas no coração turbulento dos mercados, só as boas donas de casa conseguem fazer prevalecer o seu alto valor estratégico.

Os homens — pobres dêles! — não fôram fadados para tão complicadas missões. Os próprios homens de negócio, que fazem e desfazem fortunas num minuto, correriam o risco de ser intrujados pela mais boçal das colarejas da Ribeira-Nova, ou de qualquer outro mercado.



AS ETERNAS INSATISFEITAS

A CREDITA-SE sinceramente na velha lenda que nos segreda haver no mundo mulheres vaidosas da sua beleza, quando, no fim de contas, tudo isso não passa duma falsidade.

É certo que a mulher arrebica-se para agradar, procura o possível e até o impossível para parecer bem, para atrair, para encantar. Através dos variadíssimos concursos de beleza que têm havido no mundo desde os tempos fabulosos, o júri viu-se em sérios embaraços para decidir ao agrado de todos.

Páris, escolhido por Jupiter para liquidar o pleito entre Vénus, Juno e Minerva, teve que entregar o prémio a uma delas, sem ter explicado nunca, com a clareza necessária, a razão da sua escolha.

As más línguas afirmaram que o atrapalhado Páris se deixara subornar, visto que Juno lhe oferecera a opulência, Minerva a sabedoria, e Vénus a mulher mais linda. Acrescentaram ainda que, não sendo este magistrado inclinado a grandes ambições nem a profundar sapiências, se contentara com o que o seu humano coração aspirava. E daí o entregar o pômo aureo à tentadora Vénus.

Talvez a calúnia, como tantas que para aí correm impunemente.

O que é certo é que Vénus, apesar de ter sido proclamada a deusa da beleza, nem por isso deixou de ter ciúmes da pobre Psiqué que o travesso Cupido elegera pela sua formosura.

Mas, descendo até os tempos que vão correndo, as mulheres consideradas formosas entre as formosas, embora ostentem o seu aprumo majestoso, não estão ainda satisfeitas com os dons que a Natureza lhes prodigalizou.

Por sua vez, as feias lamentam-se a seu modo, dando sempre a impressão de possuir maior inteligência.

A grande poetisa Marta de Mesquita da Câmara define assim esta mágoa imensa no fecho magistral dum soneto:

*Ninguém gosta de mim, nem tu sequer,
Pois quem pensa no mal duma mulher
Que desconhece a glória de ser bela?...*

*Não gostas não, sou feia — tens razão...
Se Deus, que é Deus, não teve compaixão,
Os homens, que são homens, hão de tê-la?...*

Outra poetisa, Maria Amélia Teixeira, faz derivar o triste facto para outro ponto,

onde, engrinaldado de glicínias morais, parece-se mais aceitável. Diz então:

*Que feia! — diz-se ao vêr
[qualquer pessoa
que não revele em si graça que
[enteia,
e a nossa alma quási se magoa
se reconhece que a aparência é
[feia...]*

*De quem é feio nada se recebe,
a quem é feio nada se perdoa...
Por ter beleza tóda a gente*

*[anseia,
A mulher bela é logo meiga e
[bôa]...*

*Mas ser feio não é não ter feições
puras, celestes como as ilusões:
é ter um ar banal, indiferente...*

*É não vibrar com o mal nem com o bem...
Ser feio é não ter tido nunca alguém
Que gostasse de nós profundamente.*

Ora, a nossa poetisa não deixa de ter uma certa razão.

Temos reparado também que as mulheres feias evitam o mais possível a fotografia, receando talvez a divulgação do seu rosto que desejariam ocultar num veu espesso, à semelhança das turcas antes de Kemal Pachá.

Vem a propósito citar o exemplo da illustre escritora Guiomar Torrezão que, sendo dum ânimo varonil, nunca se considerou formosa nem coisa que se parecesse. Daí o ter horror a oferecer o seu retrato, preferindo que lhe lêssem as produções literárias.

Evitava, portanto, dar fotografias suas fôsse a quem fôsse não obstante carecer de publicidade para os seus livros.

A alguém que muito a assediava com o pedido dum retrato autografado, para enriquecer um album que possuía, a Guiomar, após muitas e inúteis esquivas, fez-lhe a vontade. No retrato enviado, em que (seja dito em abôno da verdade) não aparece nada feia apesar dos seus 44 anos de idade, escreveu: "A fotografia é a arte filha de um raio e de um veneno, do consórcio dos quais nasce, não raro, uma decepção! — G. Torrezão".

E hoje?

Embora surjam, dia a dia, institutos de beleza por tóda a parte, atraíndo as damas com mil promessas tentadoras, a for-



Guiomar Torrezão

mosura feminina pouco ou nada adiantou.

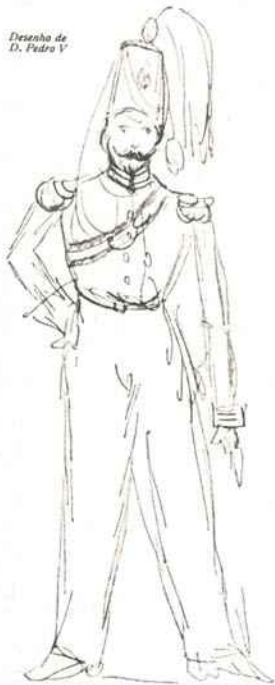
Verifica-se que os modelos de Fídias, não possuindo êsses transformadores movidos a electricidade, tinham formas mais perfeitas que as de hoje em dia.

Segundo a moda actual, as mulheres de hoje sofrem tormentos a depilar as sobranceiras que depois fingem, a traços de nanquim, tão oblíquos como a sua fantasia. Para simular olheiras, usam uma espécie de esfumino que, à primeira vista, podem iludir qualquer observador incauto. Neste ponto eram mais sinceras as nossas avós que, nos saudosos tempos da Dama das Camélias, ingeriam vinagre para ostentar um aspecto doentio. Ao menos, era a valer...

No entanto, nunca apareceu no mundo uma mulher que, sem desprimor para a sua natural vaidade, se considerasse a máxima perfeição no que diz respeito a beleza.

Se fôsse possível conceder á mulher mais formosa o privilégio de transformar-se a seu bel-prazer, mudando a côr dos olhos, o talhe do nariz, o corte dos lábios, a configuração do pé, a elevação do seio, o diâmetro da cintura, veriam que, a breve trecho, nos surgiria um monstrozinho apavorante capaz de afugentar um selvagem do Bailundo...

O pior é o invento da tal cirurgia de correcção de formas que executa fielmente todos os caprichos femininos, por mais extravagantes que êles sejam. Por êsste andar, não tardará que as mulheres sejam completamente diferentes da mãe Eva.



D. Pedro 28 May 1846

A evocação da fugidia passagem de D. Pedro V por este mundo é sempre coroada de bençãos, mesmo por aqueles que não tiveram a felicidade de conhecer pessoalmente tão saudoso rei. Em face duma lenda criada em volta da sua grande bondade, a maior parte dos portugueses limitam-se a aludir à abnegação que o soberano manifestara por ocasião da terrível epidemia da *cholera-morbus*, e pouco mais.

Chega até a supór-se que D. Pedro V, tendo reinado apenas durante seis anos, não poderia patenear em tão curto espaço de tempo as suas faculdades intellectuais.

E daí — quem sabe? — poderia surgir uma grande desilusão se tivesse vivido mais algum tempo. Talvez lhe succedesse o mesmo que ao seu irmão D. Luiz que, ape-

Caravelas, desenho de D. Pedro V



sar de bondoso em extremo, tão flagelado foi pelas paixões políticas e pela sanha feroz dos mais formidáveis partidários.

Durante setenta e quatro meses de reinado, que poderia fazer um jovem inexperienced empolgado pela morte, na flor dos vinte e quatro anos de idade?

Eis o que se pensa e o que se diz claramente, a cada passo, embora sem a pretensão de apoucar o perfil simpático do malogrado soberano que, à semelhança duma amendoieira em flor, foi derribado pela ventania da morte, não chegando, por isso, a mostrar a excelência dos seus frutos.

Isto se pensa, mas não é bem assim! O curto reinado de D. Pedro V chegou abundantemente para provar que esse mancebo tinha a experiência dum velho e a cultura bem arrumada dum sábio.

Sabemos que foi instruído até à idade de nove anos sob a direcção do conselheiro Dietz, passando depois a ter como guias as mais altas mentalidades do seu tempo. Logo se verificou que o príncipe madrugara em inteligência. A breve trecho, traduzia com facilidade o latim e o grego, deslumbrando os seus mestres com a versão cuidada de lugares selectos de Cícero, Tito Livio, Xenofonte, Eurípedes e até Homero. Notava-se-lhe ainda uma grande tendência para a História e para a Filosofia.

As lições de desenho e pintura que recebeu do grande pintor António Manuel da Fonseca revelaram-no um artista de merecimento. Segundo um crítico illustre e imparcial, "D. Pedro V desenhava com gosto e facilidade, possuindo

o dom especial de caracterizar uma pessoa, ao primeiro repente, com três ou quatro traços, ficando do seu lápis muitas caricaturas notáveis pela graça, pela rapidez e pela firmeza do traço."

E na aguarela? Graças à amabilidade extrema do dr. Lopes d'Oliveira que se tem dignado honrar as páginas da *Ilustração* com algumas das suas sempre interessantes e sugestivas produções literárias, vieram parar-nos às mãos quatro alburns aguarelados por D. Pedro V. Por estes preciosos documentos podem ser avaliados os constantes progressos que o filho de D. Maria II ia alcançando, dia a dia.

Nessas folhas de cartão destinadas à pintura de flores com a sua designação botânica, existem também alguns desenhos a lápis, caricaturando o almirante Parker e outros que reproduzimos igualmente. Nesta altura, D. Pedro V tinha apenas sete anos de idade. ... Que mais poderia desejar-se duma criança?

Nota-se no primeiro alburn que o príncipe, seguindo as indicações do mestre, se limitava a copiar o "Ornamental-An-

nuals, by Mrs. London.", então em voga. Depois, dando largas ao seu engenho, reproduzia as flores do natural, como alguns amores perfeitos ainda colados nas páginas parecem indicar. Por fim, apparecem já aguarelas perfeitas, revelando a alta competência e o bom gosto do seu autor que ora assinava, a lápis, com as iniciais *P. Q.* ou simplesmente *P.*

LEMBRANÇAS DE SAUDADE D. PEDRO V — AGUARELISTA

A dôr profunda que lhe fez de parte os seus pinceis

Conta o dr. Lopes d'Oliveira que, há cerca de dezoito anos, compareceu num estabelecimento de bricabraque, junto do Arco de S. Bento, uma colecção de conchas orientais, e que o dono da loja lhe oferecera, por bom preço, uns livros de estampas e outros objectos que tinham pertencido a D. Pedro V.

Não tendo tempo nem paciência para analisar o que lhe era oferecido, o dr. Lopes d'Oliveira safu com as suas conchas, prometendo voltar logo que lhe fosse possível.

Com effeito, dias depois, voltou para examinar as tais preciosidades, sabendo então que três alburns representando animais, e todos da autoria de D. Pedro V, haviam sido vendidos pouco antes. Restavam quatro alburns com aguarelas, representando flores. O dr. Lopes d'Oliveira examinou-os demoradamente, e, em face dos indícios que encontrou, conveneu-se de que, na verdade, as aguarelas eram obra de D. Pedro.

Por seu turno, sollicitamente, o bricabraquista, ao apresentar a fazenda, dava indicações acerca da sua procedência. Disse que esses alburns, e todos os outros objectos de que falara, os tinha comprado à viúva de D. Pedro Heinault, filho de D. Pedro V. E, como prova do que afirmava, exhibia dois volumes da obra "Le Buffon Classique de la Jeunesse. (1837) com a seguinte dedicatória: "D. Pedro dá ao seu afilhado este livro com estampas em lembrança do dia 19 de Outubro de 1845."

Verificou ainda o dr. Lopes d'Oliveira que a referida senhora era, de facto, viúva dum afilhado de D. Pedro V, e que, por extrema necessidade, fôra forçada a desfazer-se de tudo o que possuía. De resto, ninguém poderia duvidar dos merecimentos artísticos do malogrado rei. A propria D. Estefânia, nas cartas que freqüentemente enviava a sua mãe, dando-lhe parte de tudo o que se passava na côrte portuguesa, enaltecia o talento de seu esposo. Dizia ela que "dans le chambre de Pedro il y a un canapé devant une table ronde, c'est là que nous passons la plus grande partie de le journée à lire, à causer ensemble; il dessine aussi quelque fois, il joue même du piano, il a du talent pour tout."

Através dos numerosos escritos que

deixou, D. Pedro V manifesta, por vezes, as finas qualidades dum crítico de arte que, em frente dum quadro, não só sabia apreciar a beleza do conjunto, como apontar os defeitos que por acaso encontrasse, com a indulgência dum conhecedor profundo.

Podê dizer-se que D. Pedro V não teve mocidade. Segundo o testemunho do seu professor de latim, Francisco António Martins Bastos, o príncipe preferia a conversa fria, mas reflectida, dos velhos fidalgos que o cercavam, aos folguedos dos jovens da sua idade. Quando o professor, alarmado com esta sisedez precoce, o aconselhava a divertir-se, D. Pedro respondia: — "Que proveito ou que instrução posso eu tirar das conversas com rapazes?"

E' ainda o professor Martins Bastos que nos revela este singular episódio:

"Em 1847, como estranhasse a excessiva melancolia do príncipe, perguntei-lhe o que o affligia. Então Elle, com a maior ingenuidade, explicou-se d'este modo:

"— Sonhei esta noite que uma águia me levantava às nuvens e, içando-me a grande altura, me deixava cair. Em meu lugar levantava o meu irmão Luiz. ... Foi um terrível pesadelo! Ainda me parece sentir a queda!"

O pesadelo desta criança de dez anos poderia ser tomado como uma profecia!

Embora professando a religião católica, D. Pedro era um espirito tão tolerante que, na sua visita a Bruxelas, em 1854, escreveu esta nota no seu diário de viagem: "O atelier de Mr. Fraikin merecia ser

D. Pedro dá ao seu afilhado este livro com estampas em lembrança do dia 19 de Outubro de 1845

Dom Pedro.

visto, porém não quizeram os do Paço, por êle ser protestante! E' levar muito longe o fanatismo!"

Mais interessante ainda é a página do seu diário de viagem à Holanda, e que prova eloqüentemente o seu poder de observação, a sua vasta cultura e a firmeza do seu bom senso:

"No recinto do jardim (zoológico) há um pequeno museu disposto em lindas salas. Distingue-se ali uma bela colecção conchilológica que eu, contudo, não quizeria receber em troca da minha.

"O Jardim Botânico é muito próximo do Jardim Zoológico. Admira-se nêle a colecção de palmeiras que, na familia das cicádias, quasi que excede a de Kew. Tem magníficos exemplares perfeitamente viçosos e bem tratados. Não descreverei minuciosamente o que ali vi, porque isso me faria gastar papel inutilmente. Esta consideração não a fiz por avareza. Nas



estufas notei muitos vegetais interessantes e raros, recentemente chegados de Java e que por isso ainda não chegaram ao desenvolvimento preciso para se conhecer bem o seu posto. Notei entre elles algumas lycopodineas interessantes, e a famosa árvore de veneno que não sei se é imprudência ali estar. Empreguei meia hora em vêr o Jardim Botânico.

"Passamos dos domínios querida companheira, D. Pedro decidiu pôr do parte os seus pinceis. E, assim, entregando os alburns ao seu afilhado Pedro Heinault, disse-lhe com as lágrimas nos olhos: — "Leva isto como recordação. Nestas páginas inocentes estão marcados alguns momentos felizes da minha vida desgraçada!"

Morrá daí a meses. ...

A enernecida dedicatória

Outro desenho de D. Pedro V



da ciência a fazer uma visita de uma natureza inteiramente diferente, à Sinagoga portuguesa. Embora uma religião muito diferente nos separe, reunem-nos uma origem comum, e no século XIX peza-nos dos erros cometidos no século XVI. Aquelas obstinadas vítimas da intolerância de uma época foram demandar outra terra, privando o nosso país dos recursos que possuíam aqueles que, no tempo da ignorância, eram depositários das riquezas e das ciências.

"Agradou muito aos nossos compatriotas israelitas a visita que lhes fiz, e vê-se que conservam uma certa afeição a Portugal. Falam o português, e têm-se mantido em colónias no meio da Holanda. Mostraram-nos a Sinagoga, os livros da lei e os vasos sagrados. Emfim, foi uma visita que não deu incômodo, e que não produziu mal.

"Se visse no nosso tempo, D. Manuel talvez não faria o que fez. As épocas e as circunstâncias desculparam certos erros, e não se devem vêr, com as opiniões bebidas nos escritos dos espiritos fortes da revolução francesa, os actos cometidos no tempo da Inquisição."

Era assim o rei D. Pedro V.

Por ocasião do seu casamento, illustrou uma das páginas do seu alburn com a formosa aguarela que reproduzimos na capa desta revista. Numa tão encantadora singeleza ia tódá a sua ternura pelo anjo que lhe trouxeram das regiões de Sigmaringen. Um brinco de princesa!

Já pela analogia do nome, já pela sua frescura perfumada, aquela florinha humilde ficaria tão bem no regaço duma santa como nas mãos d'afianças duma princesa idealizada pelo mais desventurado rei que Portugal ainda teve.

Ao contrário do que tantas vezes succede, desta vez a razão do Estado foi absorvida inteiramente por um tão sincero amor, que logo se tornou em paixão.

Quando teve a desgraça de perder a querida companheira, D. Pedro decidiu pôr do parte os seus pinceis. E, assim, entregando os alburns ao seu afilhado Pedro Heinault, disse-lhe com as lágrimas nos olhos: — "Leva isto como recordação. Nestas páginas inocentes estão marcados alguns momentos felizes da minha vida desgraçada!"

Morrá daí a meses. ...

MANIFESTAÇÃO PATRIÓTICA



Se em qualquer parte do Mundo, (não nos interessa qual, visto que em tôdas estivemos antes que os actuais países lá chegassem) se afirmasse que em Portugal não havia portugueses, responder-lhe-íamos com a grandiosa manifestação patriótica realizada há dias nas ruas da capital.

O povo lisboeta foi ao Terreiro do Paço afirmar o seu caloroso aplauso à atitude assumida pelo Governo perante a situação internacional criada pelos acontecimentos de Espanha. Tendo o Presidente do Conselho perguntado aos manifestantes se podia contar com a sua dedicação, com o seu sacrifício e com a sua vida para defeza de Portugal e da Civilização, todos lhe responderam em tom unísono: — "Sim!." Nesta tão lacónica quão expressiva resposta vibrava a Alma Portuguesa.

As nossas gravuras representam: um aspecto da grandiosa manifestação no Terreiro do Paço, e, em cima: um curioso aspecto da estátua de D. José.



JÚLIO CÉSAR MACHADO

ARVORADO EM POETA ROMÂNTICO



Júlio César Machado e seu filho

JÚLIO CÉSAR MACHADO foi sempre uma contradição de si próprio. As páginas esfusiantes de graça que nos deixou foram arrancadas muitas vezes por entre lágrimas.

Começou os seus estudos aos tombos, até que foi parar ao Colégio Militar, instalado nessa época, no edifício de Rilhafoles. Aí teve a desgraça de encontrar um professor de latim que entendia ser indispensável o uso da palmatória para a desejada aplicação dos alunos. Um dia, Júlio César Machado, após uma bem servida dose de palmatoadas, deitou a fugir pelos corredores do colégio até encontrar uma porta salvadora. Quando chegou a casa, a deitar os bofes pela bôca fóra, e mostrou ao pai as mãos inchadas gotejando sangue, conseguiu livrar-se de tão bárbaro professor. Passou a frequentar o liceu, e em meio dos seus estudos de latim e de filosofia, começou a escrever um romance. E assim ingressou nas letras, apesar da sua pouca idade.

Nisto, morreu-lhe o pai, deixando a família em tão precárias circunstâncias que o pobre Júlio teve de abandonar os estudos e desistir da carreira de medicina que, havia muito, idealizara. Lembrou-se então de tentar vida pelas letras que sempre renderiam mais que as letras protestadas que seu pai lhe deixara.

Teve, como todos, a sua mocidade, e suspirou aquelas endechas amorosas de que as nossas avós tanto gostavam, soluçadas ao piano, na toada dolente do *Noivado do Sepulcro*.

Do seu talento fulgurante saía tudo o

que êle queria, menos versos bem feitos. Para isso é que Deus não o fadára. Isso não obstou a que o bom Júlio se entretivesse, por vezes, a cultivar as musas, chegando a enviar acrósticos traçados com boa letra em cartões perfumados às damas dos seus sonhos.

Naquelas idades, qualquer jóvem pode despertar uma paixão, julgando-se cada mancoço no legítimo di-

reito de amar tôdas quantas apareçam. Júlio Cesar Machado também foi assim. E, para não ficar atrás dos seus competidores, abalanchava-se, a fazer versos com muitos pontos de exclamação, muita chovadeira e muitos ais a entremear aquele chavascal de linhas rimadas. Inspiração não havia, mas, emfim, sempre se atingia o objectivo, que era o principal.

Já lá vão setenta anos bem puxados...

Para se avaliar da tendência romântica do glorioso folhetinista, vamos tornar pública uma sua produção poética escrita em boa caligrafia num album que o illustre epigrafista sr. J. M. Cordeiro de Sousa teve a amabilidade de nos confiar. Entre versos de Latino Coelho, Andrade Corvo, Francisco Palha, Bulhão Pato e outros escritores, aparecem os de Júlio César Machado, então na pujança dos seus vinte e cinco anos.

Os versos são maus, mesmo muito maus. Além dos erros de métrica que nos ferem desagradavelmente o ouvido, surge aquele deslize ortográfico das *longíguas* que lhe teria rendido uma boa dúzia de palmatoadas, se êle ainda estivesse sob as vistas do feroz e terrível professor.

E, devemos concordar, que não eram mal aplicadas.

Um dia, quando entrou na vida a sério e constituiu o seu lar, apareceu-lhe um filho que lhe havia de causar a morte. Provou-se então que Júlio Cesar Machado era tão mau poeta como péssimo educador — e tudo por ser excessivamente bondoso.

Mas vamos aos famosos versos que temos aqui na frente:

O BAILE

*Teimaste! ao baile, esta noute,
Tu irás, mas já sem mim!
E se entre as dansas ruidosas
As saudades dolorosas
Minha imagem te lembrarem,
Chora, pensa e dize assim:*

*Nunca mais! quebrei o encanto
Do que n'este mundo havia
De maior e de mais santo!
Desfolhei de flor em flor
A corôa que elle formara
Das galas do nosso amor!
Ai! adeus! que amor oquelle!
Que d'illusões e de ciumes!
E ainda, ao clarão dos lumes
D'esse phrenetico affecto,
Se abraza o pensar inquieto
De remorsos e queixumes!*

*Vejo-o nas sombras longicuas
De um sonhar vago e incerto...
E, quanto mais longe o julgo,
Mais d'elle me sinto perto!
Vejo-o nas agoas dormentes
Ainda a fallar-me d'amor:
E nas vagas doudejanates
Entregue á raiva e á dor!*

*Depois nas noutes formosas,
Noutes d'amor e de rosas,
Se fixo a vista no espaço
Cuido em luminoso traço
Soletrar o nome d'elle!
Depois, se a tormenta surge
E algum raio ao longe cae,
Na chamma cuido que vae
O resto do seu amor!*

*Depois nas horas solemnes
Que ás vezes cortam a vida
Quando uma esperança querida
Se desfolha e a leva o vento...
Ou nosso irmão se auzenta
E a saudade nos rebenta
Na alma, de noute e dia!
Vejo morta, extincta, fria,
Aquelle fronte que outr'ora
Era a rival scintilante
Do sol, da luz, da alegria!...*

Lx.a, 26 de Abril de 1860.

Julio Cesar Machado.

Aí ficam os versos, a título de curiosidade. Se os tivéssemos apresentado sem assinatura, ninguém seria capaz de acertar com o seu autor. Quem lhe acertaria com as mãos, se tivesse lido esta poesia, era com tôda a certeza o tal furibundo professor das palmatoadas.



Contemplando a paisagem

nabo, couve, cebola, alho, bredos, beldroegas, alface, chicória, abóbora xila...

Seguimos, depois, ao trapiche. A destilação de aguardente faz-se em dois alambiques. As fornalhas são alimentadas com bagaço (resíduos, palha de cana). O trapiche é do sistema de três cilindros, duas fêmeas e um macho, que está preso ao almanjar, e a que se liga a cana dos bois. A máquina faz o esmagamento, extraindo a calda, que cai na pia ou parol. Sentados, dois homens metem as canas; perto, de pé, outro vai-as decepando com o cutelo; ainda outro acompanha os bois.

Em grandes caldeiras, ao calor esbraseante das fornalhas, a calda coze e apura até ficar em pedra. Vai-se escumando, e tira-se: 1.º o caçhão (que se aproveita para fabrico de aguardente); 2.º o mel de nectar; 3.º, e por fim, o açúcar.

Da Fazenda chegam burrinhos, carregados de cana — um molho de cada lado. Junto à arribana, um dos pretinhos condutores, que trouxe também côcos na sua carga, põe-se a partir alguns, ainda em verde. Provamos a água de côco: é agradável, fresca, aromática.

Lembro-me dos macacos de Nora, e interrogo o meu estudantinho Domingos Varela, que se tornou um dos meus mais prestantes amigos...

Nesta região de Flamengos há macacos — chama-se-lhe *sanchos* — na Ribeira, em Monte Domingos e em Monte Bode. Podem visitar-se, porque os pontos onde vivem não são inacessíveis.

Se os atacam, e estão em bando, cercam os atacantes, mordendo-os, e matam os cães: então só se vencerão a tiro.

Como são agarrados? Fura-se um côco, fixa-se num poste, e põe-se dentro qualquer coisa comestível. O macaco mete a mão, agarra, e não larga mais; puxa, puxa, não abre a mão, e é facilmente aprisionado.

Vivem em sítio certo, num ponto alto, em furnas ou gretões. Ai dormem sempre, não saindo de noite.

De manhã descem á roubação... — diz Mano, que não gosta de macacos.

Como arrancam a mandioca nas plantações? Enrolam o rabo ao pé da mandioca, e arrancam num sação. E enquanto dura a lida roubadora, fica um macaco experimentado de vigia.

Trazem os filhinhos ás costas: quando atacados, mostram-nos, pondo-os á frente, para inspirar piedade.

Se algum deles se ausenta do seu sítio, ou, se captivo pelo homem, foge e volta para o bando, é por este repellido; e, se insiste em ficar, é morto.

A bordo dos veleiros aproveitamos os macacos de Cabo Verde para a previsão do tempo: se trepam pelos mastros, fazendo certo alarido, é sinal de tempestade...

O autor da reportagem tem inf. é diretores com os seus comandantes de regresso em Cabo Verde

NA VASTIDÃO ATLÂNTICA

Em plena ilha de Santiago de Cabo Verde

De Flamengos ao porto de Calheta e Venécia

Debaixo duma pedra aparece um *tempen*. É uma grande centopeia: a sua mordedura dói 24 horas. José Soldado diz que, se a cortam ao meio, as duas partes separadas procuram-se, tornam-se a ligar — e a *tempen* vive!

Ao lado da nossa casa fica uma capelinha velha, talvez do século xvii, que cai em ruínas. Do seu adrosinho lança a vista em torno. É aqui bem pobre a vegetação: pinhas, caniços, uma ou outra bananeira e uma figueira brava, cobrindo um tanque com a sua grande ramaria. É do lado de lá que se desprende a onda de verdura das culturas, circundadas por vastas linhas do coqueiral. Sobre o leito da ribeira encontro numa acácia Martins, que floresce, um enxame de abelhas — abelhas pequenas, tôdas de negro com cintilações de ouro fosco.

Subo o primeiro contraforte do Monte João Vidal. É uma colina fragosa, e cujos valagões se sente um sussurro cavo de águas fundas, com pinceladas verdes de sizal e carrapateiro. Aqui e além, nos gretões amanhados, a bananeira solta o seu velame.

Encontro um velho preto que apanha lenha, e, guiado por ele, ponho-me a colher plantas, a herborisar. Deambulamos algumas horas pelas vertentes de João Vidal.

O manto esmeraldino que se alastra para oeste consola a vista da angústia dos cêrros.

O velho tem oitenta anos; é ainda do tempo da escravidão: conta-me a sua triste vida.

E diz-me que já sabia, há mais de um mês, que tinham chegado á Praia *homens grandes de Portugal*...

Parece ironia? Mas não pode sê-lo na voz sincera e grave deste octogenário: mais tarde soube que o povo ingénio de Cabo Verde trata de *homens grandes* a todos aqueles que tomaram maior ou menor parte no governo da Nação...

Oiço o Mar... Sinto o Mar... Desde que estou aqui, o Mar me chama.

Mando alugar um burrico que me leve a Calheta. E, como tenho de disfarçar esta saúde romântica do Ocean, escondendo o motivo verdadeiro da abalada, para que se não riam de mim (acobardando-se de parecer poeta um político, em presença destes antigos presidentes de conselho e ministros da Fazenda e da Guerra!) recomendo: — E tragam-me alguma coisa em que venha o peixe.

É o meu visinho Joãozinho quem

traz o burro e o balaio. Tem uns doze anos Joãozinho, e vai em fralda. Singular pagem dum *homem grande de Portugal*!

Não sabe a criança falar português. E, por mais que o sacuda, não se desagarra de mim, parolando sempre a sua algarravia crioula.

Vamos pelo leito da ribeira, se é que a ribeira tem leito na sua enchente torrencial da quadra das chuvas; melhor diríamos: vamos pelo fundo do vale.

Passamos Flamengos de Baixo. A ribeira obliqua, e ha uma colina que se ergue em frente como um grande paredão...

Trepamos um oiteiro. Emfim o Mar se descobre! Ao lado fica o Calhetao, onde desagua a ribeira.

O caminho passa ao alto, entre a igreja e a escola. Desce-se a Manguinhos. Um pequeno ribeiro tem aqui a sua foz. No cabedelo o coqueiral cresce até á borda do mar.

Sobe-se de novo, e tem-se á esquerda o Covão do Coelho. Entre este e a Ribeira dos Flamengos está o Monte Cerrado. Entre o ribeiro e a ribeira dos Flamengos, o Monte da Palha. Estão por detrás o Monte Tagarro e o Monte Godim, e para oeste os dois Tchanson.

Depois o Monte Galeão. Segue-se uma grande brecha, que é a da Ribeirêta, que desce até á Cruz do Poilão, entre morros.

Passam dois pretos novos, bem vestidos e bem calçados, com cadeia de ouro e lençinho no bolso... E fingem que não me vêem; afastam-se para uns casais, sem nos darem a *salvação*.

— Decididamente, João amigo, tu comprometes-me. Já eu mesmo envergou um mísero fado de kaki, com botas cambadas e um coço chapéu. É' certo, pois, que não figuro, sobre este bíblico burrinho, imponentemente; mas, sinto-o, és sobretudo tu, meu pagem, que me comprometes... João Fraldão, vai-te!

Joãozinho parece não perceber uma palavra do que lhe digo. Faço mímica, gestos deplorando do seu estado irregular de indumentária, aponto-lhe o caminho de sua casa, tomo-lhe o balaio; falo-lhe primeiro com doçura, depois quero incutir-lhe terror, finjo que vou desmontar e corrê-lo... Nada consigo. João Fraldão, a princípio surpreso, entra agora em franca hilaridade, e julga agradecer-me, imitando-me; reproduz os meus gestos e os meus gritos! Ameaço-o de punhos cerrados; e ele recua, rindo, e ameaça-me também de punhos cerrados!

Esta comédia começara na solidão de

Entre-Flamengos: lá no cimo das falésias da Ribeira, duzentos metros a pique, aos janelões que a erosão rasgou, mas que parecem varandas fantásticas de palácios cicolpícos, assomavam os macacos, curiosos. Este endemoninhado pretinho é um verdadeiro símio, escapado da horda, com um farrapo de camisa, pilhada a algum vagabundo?

Depois de passeio matutino



E porque me quedo meditativo, João aproxima-se, e, em português — em português, oh espanto! — pergunta-me:

— Quanto me dá?

— Dou três escudos, mariola — vai-te! E tiro o dinheiro do bolso...

— *Ca pode*, responde um crioulo. Não pode! E quer cinco escudos, que é para comprar uma boina...

Mas onde foi ele aprender o português necessário para me arrancar escudos? Comprarei, sem regatear, a tranquilidade: dou-lhe logo o que pede. Fraldão salta de contente, levanta, de entusiasmo, a camisa esfiarrapada para a cabeça, faz uma grande saudação, e foge desabaladamente — ai de mim! — não para casa, mas para Calheta.

Sento-me, exausto de espírito e de corpo. Ali debato o meu problema — se hei-de ou não prosseguir. Decido-me; começo a subir a encosta.

E, no alto, quem hei de eu encontrar? Joãozinho, já de boina, todo nú, e com a miserável fralda na mão, solta á lestada como uma bandeira... Como uma bandeira de ignominia!

Não estão acabados os meus trabalhos... E Joãozinho dispõe-se a acompanhar-me!

Desesperado, faço-lhe sinais para que volte a Flamengos, com o burro e o balaio. Inútilmente! É um sanchinho, rindo, rindo, com o onagro á arreata, o balaio na mão, a boina na cabeça, e a fralda sobraçada...

Mas ocorre-lhe qualquer ideia: num pulo, ei-lo montado no burro, e vai-se. Vai — mas, de novo, para Calheta!

Perco-o de vista. E sigo, esperançado de que não me apareça mais. Mas, á entrada da vila, logo o distingo; lá espera: todo nú, cercado de uma atroz matulagem da sua idade.

Dá com os olhos em mim: alegre-se, grita, e corre a abraçar-me, com toda a miudagem em vozéria. E os meus amigos de Calheta o cirurgião, o professor, o logista — aproximam-se vexados, vendo o seu *homem-grande* vilipendiado, levado pela sua terra com aquele extraño séquito, e à frente um pequeno nú sobre um burro pelado!

João Fraldão! João Fraldão! — é certo que me deste horas de amargura, mas eu te perdoo e abençoo, porque tiveste sobre mim uma salutar influência filosófica; tu trouxeste ao meu espírito, neste exílio, as mais graves reflexões sobre as grandezas humanas! Hei de contá-las aos grandes *homens grandes* de Portugal...

Contornamos o oiteiro da Calheta, junto das arribas. Toda a povoação graciosamente se acinge ao Portinho. Sentamo-nos, com

Casa de pescadores caboverdeanos

versando, no paredão renegrido que serve de cais.

Na pequena angra, que não tem de largura mais de duzentas braças, balouçam alguns botes de pesca, amarrados á fateixa. Aves marinhas debicam na salsguem as algas boiantes ou riscam, sobre as águas franjadas de alvura na rebeitação da maré, seus vôos rítmicos. Este radioso e alegre cantinho da costa adormida; infunde um suave sono dos sentidos o brando marulho nas pedras limosas.

Mas Leopoldino de Brito, o cirurgião, quer que eu visite um hábil serralleiro preto, seu amigo. Que é ali perto...

Vamos subindo. Da esquerda desdobra-se, logo, um cenário empolgante: desde a Serra de Malagueta, distante léguas, é um rolar vertiginoso da montanha, arrancando, em tropel, cerrros e morros que se empurram e precipitam sobre o Oceano. Alteiam-se na carreira, já próximos, os montes de Cansa-Galinha e do Ribeirão de Agua, levando á frente os de Bomboi...

Chegando ao alto da colina, avistamos — Venécia. Como impressionará a todos que aqui vierem a visão surpreendente! Mil vezes contemplada, prenderá sempre Venécia. Junto das arribas é toda uma sinfonia de verdes, escaçoante; lá para o fundo, onde velem barcos de pesca, passam relâmpagos de vagas. Na praia, sobre os cachopos alforantes, a poalha aquática que corôa o véu diafano em que se adelgaça a ondina, desata-se em grinaldas de aljôfres e esmeraldas. O encanto desta marinha é o dum sonho, inexorável...

Fico ali, preso de enlramento magnético, como nos confins dum mundo!

Para acordar, tenho de reagir conscientemente, e só o consigo com violência, atirando a vista para a desolação da Achada da Cativa e para os fraguêdos da Serra...

Mas alta noite em Flamengos, o hábito do Mar entontece-me ainda... E fica-me nos olhos o reverber das águas de Venécia, e, no vago horizonte, o fio de ouro que o sol traça na ilimitação oceânica.

Lopes de Oliveira





uma pálida visão de quanto é capaz a alma marítima dos portugueses.

Ao vêr esses lobos do mar, empoleirados nas vergas, perscrutando o mar imenso, ficamos convencidos de que os nossos gloriosos navegadores doutras eras deixaram vasta e digna descendência.

Vigiando o Mar

Veleiros na Atlântida

Se fitam o Oceano revoltado, é porque não que-



QUEM, um dia, para satisfazer a sua natural curiosidade, conseguisse fazer parte da tripulação dos lugres que, na altura própria tomam o rumo da Terra Nova e da Groenlândia, à pesca do bacalhau, ficaria fazendo uma idéia da audácia e da bravura dos pescadores portugueses.

Mas, só assim. Doutra maneira, por mais que fantasie, não conseguirá obter

rem ser surpreendidos por alguma das suas traiçoeiras surpresas.

Todos os grandes domadores fazem o mesmo.

Há muitos séculos que o Mar, após várias tentativas de rebelião, teve de curvar o dorso ante a bravura sobrehumana dos nossos marinheiros. O próprio gigante Adamastor, que representava a soberania do Grande Pai do Oceano, sumiu-se nas vagas, deixando entrever as maravilhas das regiões indianas. Finalmente, o Mar submetetera-se, e se fôsse

Mulher na secagem do bacalhau

Secagem do bacalhau



HERÓIS ANÓNIMOS

A PESCA DO BACALHAU

Perigos sem conto que é necessário como paragens da Terra Nova e Groenlândia



susta o Mar. O "Titanic", que passou por ser o maior paquete do seu tempo foi engolido pelas águas em menos de um quarto de hora... E, como este, quantos mais!

Essas máquinas monstruosas podem fazer honra ao progresso sempre crescente que as inventa, constroi e norteia, mas não representam coragem, valentia e temeridade.

Coragem é singrar o Mar num frágil barco veleiro, sem outros recursos que os transmitidos, de pais para filhos, entre os arrojados pescadores portugueses. Valentia é seguir viagem num batel

ligeiro que mais parece uma casca de noz sobre as águas revoltas do Mar em fúria.

Temeridade é tripular um lugre com o seu timão à antiga portuguesa, e seguir rumo, esteja o Mar como estiver, sem poder dizer-se que se vai à mercê das ondas.

Adentro do arcoabóio desse barco primitivo ouve-se ainda o rugir metálico

Contemplando as vagas

Perscrutando os segredos das vagas

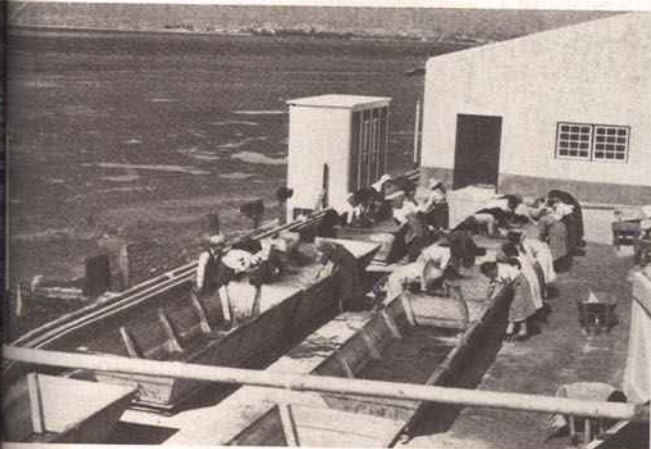
darmalheira do leme que, por ser de ferro, obedece ao impulso dos músculos de aço do marinheiro que o governa.

Tudo se modificou, menos os processos dos nossos marítimos que têm ainda como mais seguros os ensinamentos deixados por Vasco da Gama, Bartolomeu Dias e Pedro Alvares Cabral.

Na guerra moderna, triste figura faria qualquer dos nossos heróis do século XI, cobertos de ferro e brandindo um formidável montante de duas arbas. Pois na sua faina, os nossos marítimos de

O lugre que chega!

Lavagem do bacalhau



hoje aventuram-se através das águas sem fim, seguindo ainda os processos usados pelo seu antepassado Fernão de Magalhães quando deu a volta ao mundo. Não mudaram, nem degeneraram...

Sempre confiados, regressam. Foi boa a colheita! Muitos mil quintais do cubado peixe que ha de ser o alimento mais acessível de tantos pobres, e que, por isso mesmo, se chama o *fiel amigo*.





S. Martinho repartido a sua capa com o pobre

belicosa, mostrava-se tão extremamente caridoso com os pobres, que repartia por eles todos os seus bens.

Durante um inverno rigoroso, chegando com a sua legião ás portas de Amiens, encontrou um velho tão insuficientemente vestido que não tardaria a cair morto pelo frio. Num rasgo de abnegação, cortou a sua capa em dois pedaços, e deu uma das metades ao pobresinho.

Pouco depois, impressionado por um sonho que tivera, decidiu-se a seguir a religião cristã. Com esse fim, procurou Santo Hilário, bispo de Poitiers, que o ordenou exorcista.

Arrostando perigos e privações, voltou à Panónia, conseguindo converter sua mãe à fé de Cristo. Como seria de calcular, a sua ânsia de catequisar o maior número de compatriotas rendeu-lhe as iras dos poderes constituídos, sendo forçado a exilar-se para a Itália, onde já se encontrava, por idêntico motivo, o seu mestre Santo Hilário.

Dali seguiu para a ilha Galinaria, onde fez construir uma ermida, conservando-se nestes trabalhos uns dez anos. Como Santo Hilário resolvesse voltar a Poitiers, acompanhou-o, na firme decisão de lançar mais fundos aliteros à religião que propagava com a maior isenção e sinceridade.

E assim se explica que no dealbar do século IV, fôsse construído o primeiro convento na Gália. Martinho seu fundador, foi também o seu director durante 11 anos. Quando o escolheram para bispo de Tours, tentou esquivar-se, alegando haver quem mais competentemente sou-

SEMPRE que se aproxima o dia de S. Martinho, todos aqueles que sabem respeitar as tradições — e até mesmo os que apenas apreciam o sumo da uva — vão fazendo as suas contas para o magusto, abundantemente regado com o melhor vinho que seja possível arranjar-se. É um velho uso em louvor do simpático S. Martinho.

Portanto, quanto maior fôr a bebedeira apanhada, maior será a fé do que a apanha pelo santo da sua devoção.

E, no entanto, nada menos verdadeiro! S. Martinho, ao contrário do que possa supôr-se, condenou sempre com o maior rigor todos os vícios, não sendo, portanto, natural que abrisse uma excepção para o abuso do alcool. Pode até dizer-se que foi mais rigoroso que o próprio S. Francisco de Assis, já pela época bárbara em que viveu, já pelo seu caracter impulsivo de comandante de legiões.

É possível até que nunca tivesse provado uma gota de vinho, atendendo à vida ascética que levou durante toda a sua passagem por este mundo.

E, apesar disto, transformaram-no em santo padroeiro dos borrachões! Quando se pretende aludir a um ébrio que vai seguindo aos zigue-zagues com grave risco de quebrar a cabeça na primeira esquina, é freqüente dizer: *aquele é devoto de S. Martinho...*

Pois este santo, vindo lá dos confins da Panónia, de cujos territórios se formariam, decorridos séculos, a Hungria e a Baixa Austria, foi um verdadeiro modelo de virtudes.

Filho dum tribuno militar, seguiu a pisadas de seu pai desde a idade de quinze anos. Apesar da sua tendência

A adega do convento — quadro de Ed. Prutzner



VOX POPULI V O X D E I

S. Martinho e os bêbedos

De bispo exemplar de Tours padroeiro dos amigos do vinho

besse desempenhar tão altas funções. Como nada conseguisse com a sua resistência, aceitou a mitra, mas sem deixar de viver como monge no rigoroso mosteiro de Marmontier. As suas virtudes e as numerosas conversões efectuadas entre os pagãos grangearam-lhe um prestígio formidável e uma grande nomeada em todas as Galias.

Vários potentados, como Valentiano I em Milão, o usurpador Máximo em Trêves atenderam os pedidos de S. Martinho, concedendo perdão a milhares de condenados que não tardariam a ser passados a fio de espada.

Logo após a morte de Martinho, o seu culto espalhou-se rapidamente através das Galias e de toda a Europa cristã, tornando-se o seu túmulo, levantado às portas de Tours, ponto obrigatório de peregrinação.

Muitos séculos depois, os huguenotes profanaram a sepultura do santo, espalhando os seus ossos e queimando todos os objectos que dêle davam memória. Salvou-se, ainda assim, uma pequena parte que continúa a merecer a maior veneração dos fieis.

Foi esta a vida do santo panoniano que sempre primou pela mais rigorosa abstinência.

Hoje, todo o mundo o conhece pelo santo advogado dos bêbedos, como se o *Flos Sanctorum* pudesse ter, à semelhança da mitologia, o seu Baco engrinaldado



Um devoto de S. Martinho — por Leal da Câmara

de pãmpanos viçosos. Não admira que S. Martinho seja assim considerado, visto o severo S. João Baptista ser tido como um folião de tão bom quilate que "para ver as moças, fez uma fonte de prata". S. Martinho não podia esquivar-se à regra, como não conseguiu esquivar-se a ser eleito bispo de Tours.

O facto da sua festa cair no dia 11 de Novembro, e ser esta a melhor época de se verificar a qualidade do vinho colhido, daí o velho adágio:

Pelo S. Martinho prova o teu vinho.

É claro que a abstinência rigorosa seguida no século IV pelo severo monge panoniano e por todos os seus dirigidos

A bebedeira e as leis da gravidade

não foi observada pelos outros frades que se seguiram. O magistral quadro de E. Prutzner que reproduzimos dá uma ideia aproximada do que poderia ser a adega de um convento com todas as suas surpresas. O velho frade dispenseiro, tendo descido à cave, não resistiu a tentação de provar o capitoso nectar do seu barril predilecto. E, de prova em prova, acabou por estender-se com uma respeitável camoeça digna de menção honrosa. É neste estado que o superior o vai surpreender, sendo de calcular que, para castigo e vergonha do bebedor, lhe sejam aplicados alguns dias a pão e água. No interessante quadro vê-se claramente que o delinquento foi apanhado por denúncia dum outro frade que talvez pretenda para si o lugar de dispenseiro.

O nosso Manuel de Macedo apresentou-nos um velho marujo inglês que, tendo chegado a Lisboa, não resistiu à tentação de beber até cair. Dois polícias que o encontram naquele lindo estado, fartam-se de o abanar, a ver se o homem dá sinal de si.

— Querem ver que está morto? — diz um deles.

— Qual morto nem qual diabo! — replica o outro que tem umas luzes da língua de Shakespeare. — Queres ver como êle se anima?

E, aproximando-se do ouvido do bêbedor, pergunta-lhe:

— *Isay, Jack, glass whine?*

— *All... right!* — responde logo o marujo.

E, em seguida, após vários esforços, consegue pôr-se em pé.

Por sua vez, Leal da Câmara foca também com o seu lápis um bêbedor que encontrou em Madrid por alturas de 1899. Como se vê, o culto por S. Martinho é universal, mantendo os devotos de todos os países do mundo o mais alto fervor. Já agora, que as coisas estão como



Um velho marujo inglês — por Manuel de Macedo



estão, para que havemos de abalar a fé destes crentes que concentram todas as suas esperanças no venerável bispo de Tours?

Ignoram, é certo, a vida exemplar deste santo que, mesmo antes de se converter à lei de Cristo, praticava a caridade com uma abnegação enternecedora, mas festejam o seu dia com um suculentíssimo magusto. Nas suas almas toldadas pelos eflúvios do mosto, reina, perene, a auréola de S. Martinho que os protege.

Venham, portanto, as castanhas, e toca a acender uma grande fogueira em louvor do santo. Cada um manifesta o seu fervor como pode e como sabe...

E — se repararem bem — um magusto visto a distância não faz grande diferença dos holocaustos dos tempos bíblicos.

Estes sacrificios de hoje são até mais humanos, pois não é necessário abater rezes numa lúria sanguinária como nas eras de Abraão e de David. Basta queimar castanhas, e regá-las com uma boa pinga sem mistura. E que mal poderia trazer este culto ao Mundo? O vinho é a alegria e a vida, não sendo bebido em excesso. Todos sabem que o prodigioso sumo da uva renanima as forças e tonifica o organismo.

Se a sua virtude é tão grande que até o consideram sangue de Cristo; se a sua falta era tão sensível que o próprio Cristo realizou o milagre das bodas de Caná para que todos bebessem e folgassem, quem teria o arrojo de condenar o vinho?

A beleza tem sido sempre a preocupação da mulher, e todas as extravagâncias que podem adorná-la ou dar-lhe o poderoso destaque são bem acolhidas por ela.

O que em alguns povos pareceria ridículo e digno de troça, é noutras partes do globo motivo de admiração.

Aquelas tribus que metem argolas no nariz, e acrescentam os lábios numa espécie de prato, imaginam trilhar a estrada da beleza à sua maneira. Nós achamos esse jeito simplesmente horrendo.

Era curioso saber o que lhes parece, a essas negras, o sinal nas pestanas das mulheres brancas, o seu vermelhão dos lábios e das faces.

Naturalmente classificam essas garrições tão descaradamente como nós classificamos as suas práticas de alindamento.

Os homens, com preocupações mais sérias na sua vida, tinham abandonado o cuidado dos encantos físicos às mulheres, bastando-lhes serem fortes e inteligentes.

Agora, porém, o mundo está dando uma grande volta, e os homens encontram-se com as mulheres, na mesma aspiração de perfeição de seus dotes naturais, e até em substituir qualquer feição desagradável por um melhor pedacinho, no conjunto, com sacrifício de dinheiro e grande soma de sofrimento.

E' verdade, parece, que os feios, êles e elas, vão acabar.

Daqui a pouco já não há dificuldade de escolha entre os sexos — ou talvez seja melhor dizer que aumentará essa dificuldade, porque todos serão tão bonitos e tão bem acabados, que a gente fica sem saber para que lado se ha de voltar e marcar a sua preferência, sem receio de ter mal escolhido. A fartura tem dêstes contras, e não há fome que nela não dê, mais cedo ou mais tarde.

Não ouviram por aí falar numa clínica que há na cidade de Praga onde entra um aleijão e sai um primor de estética?

Pois é assim, tal qual.

Mulher ou homem que não esteja contente com o seu nariz, por exemplo, chega lá, diz o seu desgosto, abre a carteira, e logo lhe põem um nariz novinho, grego ou romano, á escolha, do qual o paciente será felicíssimo de ser o senhor.

E é o cliente que fornece a matéria prima para o concerto, não precisa de favores de ninguém.

É muito interessante e eu podia dizer como isso se faz, porque já aprendi na leitura dêsses tratados de estética, mas não digo, porque não estou aqui dissertando sobre cirurgia, mas unicamente

comentando um facto que marca a época actual.

Todos conhecem o apêgo de Cecília Sorel à mocidade e dou-lhe muita razão. É difícil resignarmo-nos à perda de encantos que muito ajudam ao triunfo da artista no palco.

Já a nossa Angela Pinto me dizia, desesperada, que não havia maneira de

SÓ É FEIO QUEM QUERE

conciliar-se com a ideia de ser velha. Se fôsse viva, talvez seguisse, se para isso tivesse meios, o processo da grande actriz francesa, que pela segunda vez fez a operação das rugas no rosto; por sinal que ficou com os olhos oblíquos, o que lhe dá um ar de chinesa.

Mas os homens, como já disse, também



não desarmam. Jean Cocteau, o discutido romancista, também se fez operar, para apagar o ultraje da idade.

E afinal não sei se vale a pena sujeitar-se a êsse sofrimento e a essa despesa, para ficar mais bonito.

Às vezes, dá justamente o resultado contrário. Quando se pensa que se fica melhor e se agrada mais depois do embelezamento, acontece que a criatura a quem se pretendia seduzir achava preferível a primeira forma e fica desapontada, depois da transformação.

Foi o que aconteceu ao galã de um certo filme — um boxeur de nariz tórto que tinha feito uma conquista, e a perdeu justamente por ter endireitado o nariz.

Ela achava que êsse defeito lhe dava um *cachet* especial e aliciente, e vai o homem estragou tudo.

Outras vezes, julga-se que êste ou aquele percalço físico pode prejudicar uma carreira e faz-se o sacrifício duma operação.

Entre nós houve um dêsses casos dolorosos. Uma artista de teatro, com o busto desenvolvido em demasia, pensou que fôsse essa a causa da falta de contrastos. Entregou-se aos cuidados dum especialista em cirurgia, estética, que lhe fez a ablação parcial do seio e foram semanas de inacção e dôr física e moral, pela incerteza dos resultados a obter de tal holocausto.

Realmente a operação foi bem feita, o busto adquiriu a gracilidade que lhe faltava, mas os contratos é que continuaram ausentes. E essa mulher pensará hoje amargamente em como a humanidade é má e desagradecida, e que não merece o mais pequeno sacrifício para lhe agradarmos. Conto êste caso, com os nomes dos protagonistas, no meu livro *Como se conquista um homem*, por isso, acho inútil repeti-los aqui, e cito o facto, simplesmente como ilustração desta crónica.

Para nós mesmos, se nos sujeitarmos a tratamentos de beleza, o resultado não passa de uma ilusão.

Tudo é postiço, enganador, e não poucas vezes, com o tempo, se volta ao primeiro estado.

Se é para agradar a alguém, não vale a pena, porque êsse alguém ou gosta de nós ou não.

Se gosta, quer-nos de qualquer maneira, mais gordos ou mais magros, mais ruga, menos ruga, loiros ou morenos. Estou falando dos dois sexos.

Quando se não gosta, "não se gosta mesmo", como se diz no Brasil, use-se o artifício que se usar.

Ou, então, mais francamente, mais á portuguesa, seguiremos aquêlê tão conhecido adágio que vem desde tempos imemoriais:

*Gosta-se porque se gosta,
Não se gosta, porque não...*

Isto de amor, se verificarmos bem, não é coisa que esteja ao alcance de todas as mentalidades, até das que se ufanam de mais cultas e experimentadas.

Carne, miséria... prazer dos sentidos...

Também, francamente, não faz sentido que se defenda um amor que assenta sómente no agrado material.

Quando êle — o amor — nasceu de um estremecimento do choque de duas almas, êsse, sim, vale o trabalho de guardá-lo.

Mas, então, as academias de beleza pouco ganham com isso, porque nesse caso o que há a fazer é alindar o espírito, que é onde se forjam os elos mais fortes e duradouros.

Mercedes Blasco.

Salões

Para inauguração da sua nova residência à rua Rodrigo da Fonseca, ofereceram a sr.^a D. Maria de Oliveira Pegado de Azambuja e o sr. João José de Oliveira Pegado de Azambuja, uma encantadora festa, que decorreu sempre no meio do maior entusiasmo, tendo havido, além da animada conversação, dansa, que apenas foi interrompida duas vezes em que foi servido no salão de mesa um finíssimo serviço de «chá» e «chocolate» fornecido pelo restaurante Tavares.

O aspecto dos salões da elegante residência, decorados com fino gosto artístico por Jalco Limitada, ofereciam nessa noite um aspecto verdadeiramente encantador, recordando-nos ter visto na assistência as seguintes pessoas:

Conde de Caria, coronel Emílio de Lemos e esposa, Mendes Lira, esposa e filhas, comandante Alfredo de Sousa e Brito e esposa, Dr. Mário de Oliveira e esposa, Senhora de Lobato de Faria, Roberto Pegado, esposa e filha, Senhora de Ribas Potau e filhas, D. Suzana Saraga Ribeiro de Sousa, Dr. Pedro Guimarães, D. Wanda Gomes da Silva, Dr. Raymundo Waddington Quintanilha e Mendonça, D. Lea Ribeiro de Sousa, Dr. Roberto Appleton de Oliveira Pegado, D. Maria Frederica Resano Garcia, Dr. F.ederico Pegado, D. Maria Emilia Medeiros Tavares, Jorge de Roma Machado de Paiva Raposo, D. Mafalda Sobral Dias, Mário Baptista Coelho, alferes Medeiros Tavares, Bernardo Teles da Gama e Pegado, Adriano de Brito, Antero Sobral Dias, e Carlos de Vasconcelos e Sá.

Os ilustres donos da casa tiveram ocasião de mais uma vez pôr em destaque as suas belas qualidades de carácter, retirando os convidados gratíssimos com os deliciosos momentos que lhes proporcionaram.

No Club Brasileiro

Na noite de 31 de Outubro findo, realizou-se nos salões do Club Brasileiro à Avenida da Liberdade, a inauguração da temporada de inverno, com um grandioso baile, levado a efeito pela comissão de festas do mesmo clube, que decorreu sempre no meio da maior animação e alegria, tendo-se dançado até de madrugada ao som de uma exímia orquestra «jazz-band», sendo apenas interrompida pela uma hora da manhã, em que foi servido no salão de mesa uma finíssima ceia.

Na assistência além do ilustre Embaixador do Brasil, em Portugal, sr. Dr. Artur Guimarães de Araújo Jorge, viam-se entre outras as seguintes sr.^{as}:

D. Maria das Do-ces da Silva Monteiro, D. Laura Serrano Teixeira de Sousa, D. Mary de Brito Keil e filha, D. Maria de São Pedro Monteiro Mascarenhas, D. Mariana Teles Guedes, D. Maria da Paz Batalha, Senhora Stock, D. Maria Inês Pessanha do Lago (Arcos), D. Ester Proença Fortes, D. Elisa de Sousa Botelho, D. Maria Amélia Caldeira Teixeira, D. Beatriz Pamplona, D. Irene de Sousa Lameiro, D. Maria Amélia Baptista, D. Maria Armando Mora, D. Maria Isabel Castanho, D. Maria Zélia Sampaio Baptista, D. Maria da Paz Batalha Manzoni de Sequeira, meninas Benoitel, Ferrão, Ismael, etc.

Casamentos

Realizou-se na paróquia dos Santos Reis, ao Campo 28 de Maio, o casamento da sr.^a D. Maria Graziela Lobo da Costa de Figueiredo, gentil filha da sr.^a D. Dulce Lobo da Costa de Figueiredo e do sr. dr. Fidelino de Figueiredo, com o dr. José Manuel Gonçalves, filho do falecido industrial madeirense sr. comendador Manuel Gonçalves, tendo servido de padrinhos por parte da noiva seus pais e por parte do noivo o sr. Delgado Barreto, sendo o acto presidido pelo reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia durante a qual o antigo e laureado aluno do Conservatório Nacional de Música sr. Vasco de Brederode, executou no órgão vários trechos de música sacra, foi servida na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas, para o norte do país onde foram passar a lua de mel.

—Ajustou-se oficialmente o casamento da sr.^a D. Maria da Luz dos Reis Ferreira de Gouveia, gentil sobrinha da sr.^a D. Ana Maria da Gama Pinto Caeiro Carrasco Gouveia, e do tenente sr. Francisco Augusto Gouveia, com o sr. Amadeu Antunes Vieira, distinto aluno da Escola Superior de Medicina Veterinária, filho da sr.^a D. Maria Antónia Dias Vieira e do

sr. Raul Vieira, devendo a cerimónia realizar-se no próximo ano.

—Realizou-se na paróquia do Coração de Jesus, o casamento da sr.^a D. Maria Luiza Lancastre de Freitas, gentil filha da sr.^a D. Amélia Afonso Lancastre de Freitas, e do sr. José Marques de Freitas, com o sr. D. Francisco Eduardo de Somer de Saldanha da Bandeira, filho da sr.^a D. Ema de Somer de Saldanha da Ban-

VIDA ELEGANTE

deira, e do sr. D. Nuno de Saldanha da Bandeira; tendo servido de madrinhas a condessa de Louzã, e D. Maria Amélia de Lancastre de Freitas Alegre, tia e irmã da noiva e de padrinhos os srs. João Viveiros Pereira e D. Luis de Somer de Saldanha da Bandeira, tio e irmão do noivo, presidindo ao acto o reverendo Machado Leal, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Castilho, um finíssimo lanche, partindo os noivos, aos quais foram oferecidas grande número de valiosas prendas, de automóvel para Aveiro, onde foram passar a lua de mel, seguindo de ali para a sua casa no Cartaxo.

—Realizou-se na paróquia das Mercês, o casamento da sr.^a D. Maria Alice da Silva Pereira, interessante filha da sr.^a D. Maria da Silva Pereira e do nosso presado colega na imprensa, chefe da redacção de «O Século» sr. Acúrcio Pereira, com o também nosso colega de «O Século» Augusto Fraga, filho da sr.^a D. Maria Adelaide Fraga e do sr. António Fraga, funcionário da Casa Pia, tendo servido de madrinhas a tia da noiva sr.^a D. Guilhermina de Almeida Pereira e a mãe do noivo, e de padrinhos o tio da noiva sr. Manoel Acúrcio do Carmo Pereira e o pai do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas e valiosas prendas.

—Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Fernanda Pereira de Lacerda Pinto Lima, esposa do sr. Joaquim Pinto de Lima, para seu sobrinho o sr. Artur Teixeira de Lima, a sr.^a D. Fernanda Guerreiro Marques, interessante filha da sr.^a D. Eufémia Guerreiro Marques e do sr. António Marques, já falecido e sobrinha da sr.^a D. Virgínia Costa e do sr. Filipe Tiago da Costa.

—Em Sintra, realizou-se na paróquia de Santa Maria e S. Miguel, o casamento da sr.^a D. Maria Henriqueta Caldeira Cabral, gentil filha da sr.^a D. Alice Caldeira Cabral e do distinto médico laringologista sr. dr. Caldeira Cabral, com o sr. dr. Hortencio Ferreira da Fonseca, filho da sr.^a D. Maria Alfreda Barros e Cunha Ferreira da Fonseca e do sr. dr. Joaquim Ferreira da Fonseca, servindo de madrinhas as mães dos noivos, tendo a do noivo sido representada por sua filha a sr.^a D. Ana Ferreira da Fonseca e de padrinhos o pai da noiva e o irmão do noivo sr. dr. João Ferreira da Fonseca.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas, para o solar dos pais da noiva em Paços da Serra, perto de Gouveia, onde foram passar a lua de mel.

—Para seu filho Luís Filipe, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Maria Luísa Pombeiro Dias Saldanha de Matos, a sr.^a D. Maria Eduarda Capelo Ribeiro Cabral, interessante filha da sr.^a D. Maria Carlota Capelo Ribeiro Cabral e do sr. Francisco Augusto Ribeiro Cabral já falecido.

—Realizou-se na paróquia do Sagrado Coração de Jesus, o casamento da sr.^a D. Maria Eugénia Tavares, gentil filha da sr.^a D. Alice Iglesias Tavares e do sr. José Simões Tavares, secretário do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, com o sr. Armando Vaz, filho da sr.^a D. Laura Beatriz Vaz, já falecida e do sr. Henrique Vaz, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Laura de Andrade e D. Beatriz Mariana Vaz, irmã do noivo e de padrinhos o sr. dr. Abel de Andrade e o pai do noivo.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais do noivo um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte onde foram passar a lua de mel.

—Foi pedida em casamento em Vila Real de Santo António, pela sr.^a D. Maria Paula de Prazeres, esposa do sr. Jaime Raul Prazeres, correspondente do «Diário de Lisboa», para seu filho

Reinaldo Raul, distinto médico municipal e Delegado de Saude do Conselho de Castro Marim, a sr.^a D. Maria José Vasques Rodrigues, interessante filha da sr.^a D. Catarina Vasques Rodrigues, e do importante industrial e proprietário sr. Jacinto Cordeiro Rodrigues, devendo a cerimónia realizar-se por todo o ano próximo.

—No Porto, realizou-se na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, o casamento da sr.^a D. Adelaide Teixeira Lopes, gentil filha da sr.^a D. Maria Teixeira Lopes e do sr. Joaquim Chaves Lopes, com o tenente da armada sr. Afonso Manuel Machado de Sousa, filho da sr. D. Noémia Alves Machado de Sousa e do sr. Vitorino de Sousa, servindo de madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Alice Fernandes Cunha e de padrinhos os pais do noivo, presidindo ao acto o reverendo dr. Manuel Pereira da Silva, prior de Paranhos, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Sua santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Serviram de «damas de honor» as sr.^{as} D. Alice Sampaio, D. Lucília Pereira, D. Beatriz Chaves, D. Teodina Guedes, D. Maria Clara Sanches, D. Maria Vitória Pinto, e D. Idalina Carvalho, conduzindo as alianças a menina Maria da Graça.

Finda a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na residência dos pais da noiva, recebendo os noivos um grande número de valiosas prendas.

—Pela sr.^a D. Ester Maria da Cruz, foi pedida em casamento para seu filho Carlos, distinto pintor-decorador, a sr.^a D. Henriqueta de Oliveira Paiva, filha da sr.^a Amélia de Oliveira Paiva, devendo a cerimónia realizar-se por todo o próximo mês de Dezembro.

Nascimentos

—Na Casa de Saude de Benfca, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Generosa Murteira Frazão, esposa do sr. dr. Manuel Frazão. Mãe e filha estão de perfeita saude.

—A sr.^a D. Maria Emilia Pinto Coelho Dória Nobrega, esposa do sr. dr. Francisco de França Dória Nobrega, distinto advogado e notário em Vila Franca de Xira, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

No Porto, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Marília Alda de Lima Monteiro Temudo, esposa do tenente de engenharia sr. José Fortunato Paulino Brandão Freire Temudo. Mãe e filha encontram-se de perfeita saude.

—Teve o seu bom sucesso, na Casa de Saude de Benfca, a sr.^a D. Maria Luísa Barros Vidal, esposa do distinto clínico sr. dr. Carlos Vidal, sendo seu médico assistente, o distinto cirurgião sr. dr. D. Pedro da Cunha (Olhão). Mãe e filho estão felizmente bem.

—A sr.^a D. Odete de Fonseca Viotti de Carvalho, esposa do sr. Fernando Viotti de Carvalho, distinto alferes do Batalhão de Metralhadoras n.º 1, teve na maternidade de Alfredo da Costa, o seu bom sucesso. Mãe e filho, encontram-se bem de saude.

—Em Cascais, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria da Saude Vilar de Sousa, esposa do sr. Alberto Vilar de Sousa. Mãe e filha estão felizmente bem.

—A sr.^a D. Gracinda Simões Coelho, esposa do sr. Simões Coelho, teve na casa de Saude de Bemfica, o seu bom sucesso, tendo como assistente, a distinta médica, doutora sr.^a D. Branca de Seabra. Mãe e filho encontram-se felizmente bem.

—A sr.^a D. Maria Norberta de Carvalho Mendes Ribeiro, esposa do sr. António Mendes, teve na Ordem da Trindade, no Porto, o seu bom sucesso. Mãe e filha encontram-se felizmente bem.

D. Nuno.



Cariso aspecto dumo re-
presa nam dos rios que
ligam entre si os lagos
berlínenses, pejada de
loismeras pingas onde os
domingos pastavam os des-
portistas alemães

nunca fraquejaram. Mas, bem ou mal, os componentes das equipas lutavam com ardor e fé pela vitória, sentiam amizade

desinteressada pelo clube que haviam escolhido, e a massa associativa, os adeptos e os simpatizantes, vibravam com eles no mesmo entusiasmo, estimulando-os como coisa sua.

Agora, tudo isto mudou; o regime de profissionalismo confuso que se estabeleceu no país, matou o amor clubista; os homens trocam de camisola dum ano para o imediato, conforme a retribuição mais compensadora. O público perde-se neste constante saltitar, e os seus preferidos dum época aparecem-lhe na seguinte transformados em adversários.

Por outro lado, os nossos campos, excepção feita ao das Salésias, apresentam-se cada vez mais desconfortáveis e o espectador paga caro para ser mal instalado. As direcções dos clubes deviam olhar com muito cuidado para este assunto, pois d'ele depende quasi em exclusivo o progresso do desporto português. O rareamento esta época verificado no público não pode ter outras razões além

Actividade desportiva portuguesa resumiu-se, durante estes quinze últimos dias, ao prosseguimento regular dos campeonatos regionais de futebol.

Todos os restantes desportos da quadra invernos de se conservam ainda em descanso, e o público afecto aos espectáculos desportivos não tem grande variedade por onde escolher o emprêgo das tardes dos seus domingos.

A época do jogo da bola não começou sob felizes auspícios e é evidente que se está atravessando em Portugal, ou pelo menos em Lisboa, um período de crise que pode trazer às colectividades desportivas sérios embaraços; não se trata tanto, no caso presente, de declínio no valor das equipas e na classe do jogo por elas desenvolvido como do desinteresse manifestado pelos espectadores cuja afluência aos campos baixou consideravelmente em relação aos anos anteriores.

O assunto tem sido debatido na imprensa e apreciado sob diversos aspectos, atribuindo-se-lhe as origens mais diversas, nas quais sempre a responsabilidade recai sobre os dirigentes dos clubes e, indirectamente, sobre o estado de espirito dos jogadores que é consequência dos actos dos dirigentes.

Figura-se-nos que o público arrefeceu de entusiasmo pelos encontros de futebol porque tende a desaparecer, dentro e fóra do rectângulo de jogo, o espirito clubista que é o grande animador de todas as competições desportivas.

Não é razoável atribuir culpas à insuficiência técnica dos grupos, porque tempos houve em que se jogava muito pior do que hoje, e, no entanto, as assistências



O Sporting, campeão de Lisboa e vencedor da prova bota ou Benfica, seu velho rival por um número de bolas desperado

destas, pois os encontros já disputados no campeonato de Lisboa, que vai a meio da sua rota, variaram dos habituais resultados e forneceram algumas surpresas bem próprias a espiçar o interesse dos afeiçoados. Dos grupos considerados grandes senhores pela tradição apenas o Sporting mantem posição equivalente às suas tradições; o Benfica, posto em cheque pelo Casa Pia e pelo Barreirense com os quais apenas empatou, sofreu dos



dos alunos, tem por fim a conservação da saúde dos indivíduos e, simultaneamente, a formação colectiva da energia, física e moral da juventude para o serviço do país. Ora esta formação não se conseguirá, por certo, com os movimentos letúrgicos da ginástica passiva, que condena a ini-

A QUINZENA DESPORTIVA

"leões" a mais pesada derrota da sua longa rivalidade desportiva, o Belenense, batido pelo Benfica e pelo Barreirense, empatou sem merecimentos com o Caravelinhos que surgiu na competição como o grande animador. E, para não ser apenas Lisboa a sede das surpresas, também o Vitória em Setúbal sofreu de saire na prova regional, e — mais extraordinário ainda — o Football Club do Porto encaixou 4 bolas sem retribuir nenhuma ao modesto Salgueiros.

Decididamente, o ano vai dar que falar na gente da "bola".

A reforma do ensino secundário que acaba de ser posta em execução, veio pôr uma vez mais em plano de actualidade o problema da educação física da criança portuguesa.

Há anos que vimos pugnando pela abolição dos métodos contrários às conveniências e tradições da mocidade portuguesa, apregoando a necessidade dum campanha de regeneração física conduzindo ao emprêgo de processos educativos nos quais sejam respeitadas as virtudes dinâmicas das crianças e que nelas desenvolvam qualidades de energia física e moral, as mesmas que elevaram a glória dos antepassados conquistadores do mundo.

Em diversas ocasiões julgamos alcançado o objectivo, mas falharam as esperanças; renegado pelos técnicos, desprezado pela maioria dos professores a quem competia aplicá-lo, ridiculizado pelo confronto, o "método filosófico" existe pouco mais do que no papel, mas existe.

A reforma actual vem, porém declarar que a aplicação de educação, subordinada ao sexo e idade

Este quadro, que representa o corredor americano Whiffy foi exposto em Berlim onde causou surpresa

ciativa e o direito de fatigar os músculos. Tudo faz assim prever que voltaremos enfim ao caminho da razão.

Se, por este lado, a reforma do ensino liceal nos deixa agradável impressão, desilude-nos ainda quanto ao número de tempos consagrados no programa escolar à prática da educação física; duas lições semanais durante os três primeiros anos e uma só nos cinco anos finais, que correspondem à idade em que a criança mais necessita da ginástica e do amparo do exercício físico, são flagrantemente insuficientes.

É facto que o sábado fica livre de trabalhos intelectuais e será reservado a excursões, exercícios ao ar livre ou trabalho no ginásio; mas, de qualquer forma temos de considerar as três lições semanais como o mínimo indispensável a um aproveitamento compensador.

Não podemos querer tudo dumavez; a orientação segue pelo caminho mais próprio ao alcance dos objectivos ambicionados, e já é uma vantagem. Devagar é a maneira mais segura de ir longe, e saber esperar, a maior virtude para o êxito na vida.

A aviadora inglesa Joan Batten, frágil rapariga de vinte e poucos anos, estabeleceu um novo "record" de tempo na viagem pelos ares de Inglaterra à Austrália, percorrendo os 15.400 km. em 5 dias 21 horas e 3 minutos. O que semelhante proeza exige de coragem, de resistência, de decisão, parece inacreditável se encontrarmos num organismo feminino.

Joan Batten nasceu na Nova Zelândia e orientou os seus estudos para o professorado do piano. Em 1930 modificou os seus projectos e aprendeu a pilotar; em tão boa hora o fez que, servida por excepcionais qualidades, tem desde essa data alcançado os maiores triunfos, conquistando a glória e impondo ao mundo inteiro o apreço pelas possibilidades das mulheres desportistas.

No livro de ouro das grandes viagens

aéreas a audaciosa aviadora inscreveu em 1933 um primeiro voo de Londres à Índia. No ano seguinte estabeleceu o "record" feminino no percurso Inglaterra-Austrália com 14 dias 23 horas e 25 minutos, percorrendo em 1935, caminho inverso em 17 dias 16 horas e 15 minutos.

Chegada à Europa pouco descansou; partindo para a América do Sul, ligando Londres a Buenos Aires em 15 dias, gastando até ao Brasil apenas 2 dias e 13 horas e tendo atravessado o Atlântico numa extensão de 3.100 km. à velocidade-record de 233.300 km.-hora.

É curioso registar que os dois melhores tempos nos percursos Inglaterra-Cabo e Inglaterra-Austrália pertencem a duas mulheres; o primeiro a Amy Mollison em 3 dias 6 horas 26 minutos e o segundo a Joan Batten.

No ano seguinte registaram-se diversas outras proezas femininas em aviação, de entre as quais destacaremos o "record" mundial de altitude da francesa Maryse Hilsz com 14.310 metros, a viagem transatlântica de Inglaterra ao Canadá pela inglesa Beryl Markham e a vitória da americana Luiza Thaden na corrida Nova York-Los Angeles batendo



todos os competidores masculinos. Pode dizer-se, perante tais factos, que em cima dum as, as representantes do sexo fraco são tão fortes como os homens.



O campeão olímpico do lançamento de dardo, Stokk, é professor numa escola da Berlim e recebeu dos seus alunos a consagração pelo triunfo obtido

No dia 14 de Outubro foi batido um dos "records", mais puramente atléticos que figuram nas tabelas do desporto: uma hora em bicicleta sem treinadores.

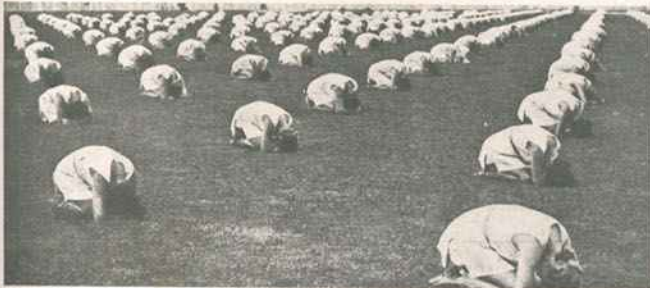
Foi o francês Maurice Richard o autor do feito, alcançando na pista do velódromo de Milão a distância de 45.398 metros, mais 308 metros do que o anterior máximo, pertença do italiano Giuseppe Olmo.

Se compararmos o resultado de Richard com a primeira distância que figura na tabela dos "records" mundiais da hora (35.325 metros por Henri Desgranges, o actual director do conhecido jornal parisiense "L'Auto", em 11 de Maio de 1893), verificamos que o progresso foi de duas léguas no espaço de quarenta e três anos.

O suíço Oscar Egg foi o corredor que durante mais tempo conservou o troféu; os seus 44.247 metros efectuados em 18 de Junho de 1914 só em 1933 foram superados, pelo mesmo Richard que reconquistou agora um bem perdido e sempre desejado.

O novo "recordman", animado pelo resultado da primeira tentativa, atacou no dia seguinte o "record" da hora em "tandem", mas ele e o seu companheiro Dayen abandonaram ao cabo de meia hora reconhecendo infrutíferos os seus esforços. E eis o que, por agora, se nos oferece dizer, tudo levando a crer que mais diremos no próximo número.

Salazar Carreira.



Este imponente aspecto de exibição de ginástica suíça no Estádio de Berlim pode servir de molde ao que desejáramos ver um dia apresentado pela mocidade portuguesa



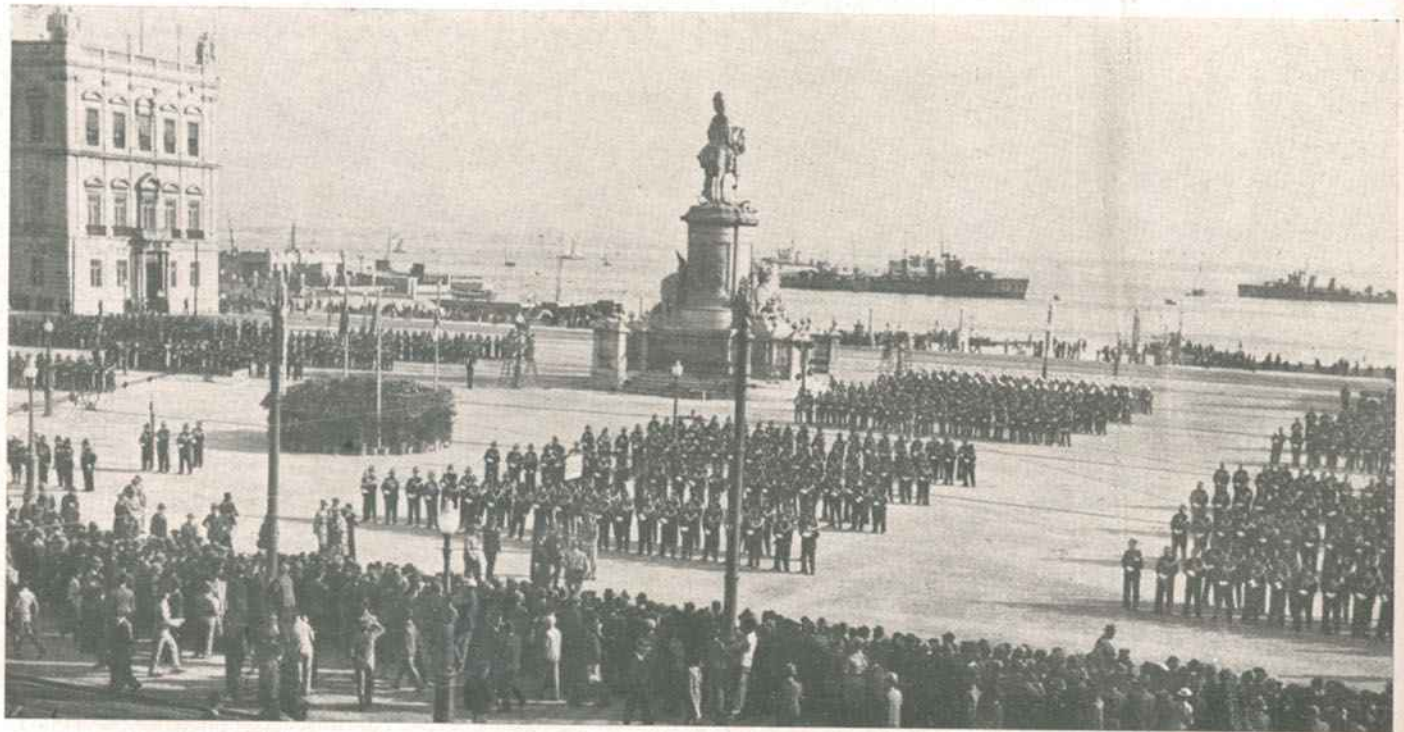
VIBRAÇÕES PATRIÓTICAS



Mais de três mil pessoas aclamaram o sr. Presidente da República na cidadela de Cascais, pretendendo assim saudar a nobre atitude do Governo na pessoa do Chefe do Estado. A' direita um aspecto da manifestação. Em cima o sr. general Carmona e sua esposa agradecendo os aplausos do povo.



O sr. ministro do Interior, no Pôrto, com o chefe do distrito, presidente da Câmara, Comandante Militar e membros da União Nacional por ocasião da grandiosa manifestação nacionalista em que mais de cem mil portuenses patentearam o seu acendrado patriotismo.— A' direita: os trabalhadores do Cais de Lisboa em frente do ministério das Finanças, a fim de agradecerem ao Governo o ter sido reconhecido o seu profissionalismo.



Um aspecto da parada do corpo da Polícia de Segurança Pública no Terreiro do Paço que teve por fim prestar homenagem a três elementos valiosos de tão prestante corporação: comissário Lino de Oliveira, chefe Banadas e guarda n.º 882, Francisco Rocha. O sr. ministro do Interior procedeu à aposição das medalhas. Terminada a cerimónia, as forças desfilaram perante o ministro e demais entidades oficiais. O desfile causou a melhor impressão pelo seu garbo marcial e alinhamento impecável.

A geração de depois da guerra, hoje a mocidade, dá-nos um modelo de rapariga completamente diferente, do que era a rapariga dessa época, que marcou pode dizer-se, um salto, na maneira de ser da humanidade. Os cinco anos de guerra modificaram de tal maneira a sociedade e a humanidade que equivaleram a 50 anos.

A rapariga que vivia dentro de casa com uma educação muito superficial, muito inocente a «*oisie blanche*» de todos os romances franceses, dessa época, que falava línguas, tocava e cantava, pintava a aguarela, bordava a matiz e esperava como única solução à sua vida, um noivo, que não aparecia muitas vezes, acabou, extinguiu-se, e apenas uma tradição lendária.

A seguir à guerra que a lançara numa vida completamente diferente aturdindo de liberdade essa rapariga, que estava habituada a não dar um passo sem ser escoltada pela vigilância paterna ou pelo menos das mestras ou criadas, que estavam encarregadas de a acompanhar, de a vigiar, de lhe tirar do caminho todas as pedras, e, de lhe aplanar todas as dificuldades, houve uma verdadeira loucura, que desviou rapidamente de mais, a rapariga que vivia uma vida moral, de flor de estufa, envolvida em algodão em rama, para a vida livre dos entes que têm deveres e direitos, e, que a catástrofe que fazia ruir muitos dos preconceitos que até aí eram leis, lançava, para a vida de actividade sem preparação alguma.

A rapariga que não tinha estudos nem profissão manual, foi obrigada pela força das circunstâncias, a ganhar a sua vida, a rapariga que não dava um passo só, viu-se de um dia para o outro, livre, senhora das suas acções, com uma convivência forçada com o homem, que até aí encarara como o príncipe encantado, que a viria um dia procurar para esposa.

O choque da educação e da realidade da vida foi tremendo. A reacção que em seguida se deu, o delírio dos divertimentos, a mania da dança, que como uma loucura colectiva atacou a humanidade, as modas e a pintura tudo contribuiu para desequilibrar os nervos da rapariga, que se tornou mulher numa inconsciência dos seus deveres, a que felizmente houve muitas excepções.

Foi a época das raparigas extravagantes com a mania da originalidade, com o desprezo das convenções que lhe tinham oprimido os primeiros anos, com a embriaguez da liberdade, de que nem sempre faziam um bom uso, mas que as enlouquecia, e, estonteava com uma passagem rápida das trevas, da escuridão dum carcere, para a luz brilhante, dum radioso dia de sol.

Estão explicadas e desculpadas as incoerências da rapariga de ontem, atordoada pela catástrofe que a surpreendeu ao desabrochar da vida e que a obrigou a um salto moral de meio século.

Agora observemos a rapariga de hoje, aquela que dos dezasseis aos vinte e cinco anos, na mais radiante mocidade nos oferece o mais belo espectáculo, do desabrochar maravilhoso da flor humana, que será a mulher de amanhã.

Criada num ambiente mais aberto, viu talvez cedo de mais, a vida, que a fúria de gozo e de prazer que na sua infância atacara o mundo, não escondia como antes os defeitos da humanidade, os seus vícios e as suas paixões, de aí uma certa desilusão e um conhecimento da vida que nes

A rapariga que estuda, que pensa quasi que é um rapaz, que se esquece, que a sua missão é ser acima de tudo mulher, para mais tarde crear um lar e ser mãe, essa rapariga que fala calão, que ambiciona conquistar um lugar na vida e gosar a liberdade mais completa.

Essa rapariga veste muitas vezes de estudante e perde o seu encanto.

Ha tambem o grupo, da rapariga que estuda o que a obrigam, e que tem apenas um ideal na vida, divertir-se, essa é a rapariga frívola, que hade sempre existir e que em todas as sociedades houve sempre, é a rapariga que não conta.

Temos o terceiro grupo, a rapariga cristã, que se nota em toda a parte em que se encontra, e, que já se vai encontrando em aguas, termas e praias, e que chama logo, a atenção, pela sua simplicidade de maneiras, pela compostura do seu porte.

É cada vez maior o seu número felizmente, trabalhando activamente para o bem, procura distinguir-se nos seus estudos, não por vaidade, mas por espirito de apostolado e procura ser um exemplo.

É esta rapariga de hoje, estamos convencidos a que triunfará na cristianização do mundo, porque será a esposa e a mãe de amanhã e por ela virá a restabelecer-se o equilibrio moral, tão abalado, pela grande guerra e tão ameaçado pela onda de ideias destruidoras com que o horisonte da politica se obscurece.

A rapariga de hoje tem na sociedade actual um papel importantissimo. Anjo ou demonio, ela será a salvação da sociedade ou a perdição da civilização, afogada em lama sangue e lágrimas.

Mas esperemos nela, ponhamos na rapariga de hoje, que será a mulher de amanhã, toda a nossa esperança e que a luta que a ameaça, sirva apenas para desenvolver nela, todas as virtudes, despertar na sua alma, todas as energias, e fazer com que ela saiba vencer todos os duros escolhos que ameaçam o caminho da sua vida.

Vida mais difficil do que foi a da rapariga de ontem, porque, se mais direitos adquiriu, mais responsabilidades peçam sobre os seus frágeis ombros, a rapariga de hoje não tem como desculpa a ignorância das suas antecessoras.

Em compensação será a sua vida muito mais interessante, porque a luta se por um lado é dolorosa e incomoda, por outro, é um incentivo para os nervos, uma verdadeira criadora de energias e de vitalidade.

Como orientadora de seus filhos, que no futuro deve ser, tem de preparar a sua personalidade e tem de ter o maior cuidado na sua apresentação. Para que estragar a sua mocidade em frívolos divertimentos que nada de bom lhe pode trazer?

Mas melhor do que os conselhos dos mais velhos é o exemplo dos novos e esse exemplo existe já hoje, felizmente, apresentados por muitas raparigas que fazem uma vida de trabalho e de dedicação ao bem e a tudo o que há no mundo de superiormente belo.

Maria de Eça.

A RAPARIGA DE HOJE E A DE ONTEM

surpreende em almas tão novas, que deviam ver tudo atravez do prisma da ilusão.

Habituada desde criança à liberdade ressentese do pouco respeito que os mais velhos lhe inspiram e que diga-se em abono da verdade, são muitas vezes os culpados, por se quererem rejuvenescer colocando-se num pé de igualdade, fazendo com que desapareça da face da terra a civilidade, uma das mais belas flores do jardim



humano. Praticando o desporto desde criança, acostumada a andar só e a resolver as dificuldades, que se lhes deparam, a rapariga de hoje, tem os nervos mais equilibrados e uma mentalidade menor ou mais normal.

No rapaz não vê o príncipe encantado, vê o camarada, mas talvez até um pouco de mais, não exigindo nas suas relações de sociedade esse respeito e essa delicadeza, que essa mesma camaradagem, mais do que nunca deve exigir.

Melhor orientada na vida prática, a rapariga de hoje, estuda e prepara-se para a luta da vida com uma instrução, que iguala a do rapaz e que só lhe pode trazer vantagens, quer ganhando a sua vida se o precisar fazer, quer mais tarde no seu lar onde poderá ser a verdadeira companheira, e orientar a educação dos filhos.

O que é preciso é que a rapariga compreenda, que por ter instrução não deixa de ser mulher e que não deve perder a graça feminina. A rapariga de hoje divide-se pode dizer-se em tres grupos.



dos nossos deveres de mulher, pondo de parte frioleiras e futilidades e ocuparmo-nos muito a sério do bem de todos, fazendo o dentro das nossas famílias e no meio que nos cerca.

A tôdas pertence o trabalhar mas às mãs, mais do que a ninguém, porque têm de incutir a seus filhos o amor da pátria e o espírito de sacrifício, que foi com que na vizinha Espanha um descendente do pretendente Carlista, até a sua vida pela religião e pela pátria, que o expulsara do seu território.

Opôr com estas santas ideias, às tristes ideias, que fazem com que o estrangeiro, um punhado de renegados insulte o seu país. Dizem que são antigas as ideias que fazem dos homens heróis de patriotismo, pois bem voltemos a essa antiguidade, retrocedamos até D. Filipa de Vilhena e que os moços de agora, que enfileiram na Mocidade Portuguesa, mantenham como os jovens e heroicos filhos da grande portuguesa, a integridade da pátria e defendam os santos princípios da Religião, da Moral e da Família.

E que seja tão suave o inverno, com a coragem com que o afrontamos como este doce outono, que envolve os nossos talos e os nossos campos numa poalha de ouro.

Maria de Eça.

A moda

Não há estação mais bela no nosso país do que o outono. Em tôda a parte do mundo o outono é dama tristeza anasaladora. Em Portugal o outono tingese duma leve melancolia, que lembra um sorriso depois dumas lágrimas, derramadas num pequeno arrufo de namorados.

Os verdes dos campos são mais belos e mais fortes os seus tons, do que na primavera e no verão. As cinzas com as folhas amarelhadas dão à paisagem um tom quente, que nos faz esquecer que o inverno nos espera.

Os lindos vales apenas nos dão a ideia de que caminhamos para a má estação, porque de manhã e à tarde se envolvem na neblina, como umas belas espadas nuas, numa «écharpe» de gaze.

É tão doce no nosso clima abençoado, a passagem do outono para o inverno, que não damos quasi pela melancolia que o envolve. É assim que se deve passar para o outono da vida, com a consciência de que já se não é novo, mas com a suave alegria de saber aproveitar as alegrias que a vida ainda nos oferece e encerrar com coragem as tristezas que nos podem ameaçar.

Este ano mais do que nunca o outono é uma estação intermédia. Que temporaes, que chuvas, que desastres nos trará o inverno? Ninguém o sabe e todos o temem.

E no domínio da política internacional, que à mulher de hoje não pode deixar de interessar, porque felizmente já lá vai o tempo em que a mulher viaja alheia à vida, o que nos esperará?

Esta pergunta a que não é fácil responder, muitas a fazem, mas seja o que for completamos a tôdas esperá-lo serenamente, confiadas nos que nos governam e que têm sabido manter orgulhosamente levantado o nome de Portugal.

A mulher cabe manter desanuviada a atmosfera no lar. Compreendendo o que tem de extraordinariamente séria a luta da barbaridade contra a civilização, e pela serenidade, pela ordem, pelo trabalho, que nós teremos tanto como o homem de combater, para opôr um dique aos que tudo querem arruçar, destruindo a sociedade, a família e a religião, oferecendo-nos em troca ideias utópicas de impossível realização, e de nenhum interesse para aqueles que têm fé em Deus, amor aos seus e, disciplina social.

A mulher tem de encerrar a seriedade do momento, sem terror e com energia, e tôdas devemos manter bem elevado o espírito de patriotismo e de nacionalismo. A mulher que tem filhos deve educá-los como patriotas e para uma mulher ser corajosa, não precisa de vir para a rua com armas na mão, como essas pobres raparigas desalçadas, que na vizinha Espanha têm embarcação os movimentos dos marxistas com a sua falta de experiência das armas.

A coragem da mulher exerce-se no lar, no seio da família, no trabalho social que lhe incumbe desempenhar segundo o seu estado na sociedade.

É nos momentos graves da humanidade que a mulher pode e deve fazer sentir o seu valor. Em 1914 foi que a mulher belga e a mulher francesa ao verem as suas pátrias ineadidas demonstraram o seu valor.

Mas não é ainda felizmente o momento de o demonstrar nesse sentido, éste suare outono de 1936 apenas nos incita a sermos boas portuguesas e a compreendermos tôda a extensão



PÁGINA SFEMININAS

bem marcado, e, que usada fóra de suas horas faz perder a elegância a quem a usa.

Para as saídas de manhã nesta quadra fria e em que as manhãs não convidam a grandes agra-



na moda. As mangas com a guarnição em veludo são muito graciosas.

Para a noite um lindo vestido de Molyneux, em mousseline de seda preta com pastilhas em



salhos, para se poder andar pois o «footing» é indispensável à higiene e à elegância esbelta do corpo feminino, temos vários modelos da máxima simplicidade e elegância.

Um deles é já muito visto, mas sempre graciosamente feita de noite, que sem êles não estão completas.

Mas a mulher meridional tem um pouco a tendência para usar de manhã «toilettes» que só depois das 4 horas da tarde, se devem envogar. Isto não se dá apenas com a mulher portuguesa, mas sim com tôdas as meridionais, como quem viaja vê, no sul da França, em Espanha e na Itália. Não é mau gosto, mas sim a tendência para a «toilette» enfeitada, que tem o seu lugar

franco. Como abaixo um «manteaux» curto em failla branco, com mangas dum alta elegância e grande novidade.

Estes «manteaux» são complemento obrigados das «toilettes» de noite, que sem êles não estão completas. E assim temos completado o dia da elegante e as suas variadas «toilettes», que de hora para hora têm de variar. E' esta a escravidão da mulher «chic» ditadora da moda.

A moderna elegância

A elegância de cada época é marcada não só no vestuário, como no mobiliário e na maneira de guarnecer as casas, na literatura, na música e até na maneira de viver.

A nossa época é verdadeiramente uma época de transição, não sabemos para o quê, mas a verdade é que a elegância actual não está bem definida.

A moda tem-se inspirado nas modas passadas. Nos vestidos de noite, vemos, desde a moda grega das tónicas até à moda de 1900, uma reedição de tôdas as modas, salientando-se a tendência para o segundo Império. Não há, pode dizer-se, uma criação que marque a nossa época, que tenha até finalidade.

Nas casas depois de ter havido o delírio do despido, que chegava a dar a impressão de se viver em sanatório, começa a surgir uma pequena tendência para a guarnição e aparecem nas paredes quadros, retratos, que felizmente nos mostram que no mundo não há só enfeitados, e que as casas em que entramos, são habitadas por quem tem família e retratos de pessoas queridas.

Na literatura nota-se também um pouco de desequilíbrio, que não admira nesta época de

choque de ideias, e, de aqui a cem anos quem ler os livros agora publicados dificilmente compreenderá a mentalidade e a sentimentalidade de agora.

Não temos uma unidade de pensamento, como houve no romantismo, nem o sentimento que então demasiadamente se manifestava. Na literatura, como em tudo, marca um certo despreendimento por tudo o que é espiritual e um verdadeiro culto pela materialidade.

A moderna elegância não está ainda bem definida, é um misto de várias coisas, e o que é hoje elegante, terá sido chocante há trinta anos, como naturalmente, o será para nós, se vivermos, a elegância de aqui a trinta anos. A elegância é qualquer coisa de requintado, de superior, que tende talvez a desaparecer, dum mundo excessivamente materializado e desportivo. A preocupação do desenvolvimento dos músculos mata a gracilidade das formas.

Higiene e beleza

O penteado readquiriu os seus direitos. Foi escorraçado durante anos, da estética feminina. O cabelo foi sacrificado no altar da moda. Chegou a quasi a ser desprezado, muito cortado, seguro com fixador, pedia-se lhe apenas que tomasse o mecos espaço possível.

Isto já passou felizmente e a mulher recolmeço a ter todo o cuidado com o seu dos seus mais belos ornamentos o cabelo. Uma bela cabeleira voltou a ser uma das belezas da mulher e o cabelo comprido não é já uma excepção duma original, é vulgar e corrente, uma das coisas que muito influe na beleza do cabelo é a maneira de fazer a lavagem.

Nem tôdas as «shampooings» são salutares para o cabelo. Os cabelos com gordura devem ser lavados com o seguinte «shampooing»: uma cocção de raspas de Quillaya, 150 gramas; Carbonato de soda, 10 gramas; Agua destilada, 500 gramas.

Para os cabelos secos: Quillaya, 30 gramas;



Agua destilada, 500 gramas; em seguida juntar: Oleo de cedro, 3 gramas; Oleo de cadum, 5 gramas; Oleo de ricino, 20 gramas. Fica lindo o cabelo assim tratado.

De mulher para mulher

Marieta: Por todo o nosso Portugal há senhoras que vivem todo o ano nas suas casas da aldeia e não se consideram por isso, infelizes. Em tôda a parte se é feliz, com a consciência tranquila e sabendo aproveitar o tempo. O seu noivo tem muita razão em não querer abandonar o que lhe pertence. Faça o vestido em setim e com a cauda separada, são mais elegantes.

Alda: Tem a sua m'i muita razão, uma rapariga da sua idade não vai só ao cinema nem mesmo às «matinées». E mal visto, vá com alguém de família. Não compreendo esse desejo de ir só ao cinema, é sempre aborrecido não ter com quem comunicar impressões. Leia os livros de Júlio Dintz.

Destilada: Persevere bem a sua consciência e veja se essas desilusões não terão origem na sua maneira de ser. O homem que casa gosta de encontrar, conchego no lar, conforto, ficar umas noites por outras em casa e ver a sua mulher satisfeita, conversando alegremente. Essa vida de sair tôdas as noites é a que fazia em solteiro e que lhe não pode agradar.

Convença-se que ninguém se casa para se divertir e que a mulher quando o faz é para se dedicar ao lar e ao marido.

Receitas de cozinha

Marrons glacés: Um quilo de castanhas, 500 gramas de açúcar e uma sagem grande de baunilha. Gorem-se as castanhas sem casca, em água e sal. Depois de cozidas descasam-se e pisam-se num almofariz. O açúcar derrete-se em pouca água com a baunilha partida aos pedaços.

Antes de tomar ponto tira-se a baunilha que se exprime bem num coador fino para largar o perfume e deita-se as castanhas pisadas no açúcar. Mexe-se bem dessecarando a sempre com a colher de pau. Está pronto quando juntado a massa toda num lado da caçorla, esta não corre e fica toda ligada.

Nun taboleiro ou numa travessa espalha-se a massa em pequenas porções do tamanho aproximado de castanhas sem casca. Quando estão bem frias enrolam-se na palma da mão e embrulham-se em papel de prata.

NUM grupo de boémios, entre os quais se achava uma criança de seis anos, filho de um deles, falava-se de habilidades, de forças e ligeireza.

Contavam-se proezas acontecidas e o mais Tartarin de todos, vendo uma barrica de cimento no meio da rua, exclamou:

— Aposto, em como sou capaz de saltar esta barrica, a pés juntos!

O pai do pequeno, achando aquilo uma verdadeira basofia do companheiro, respondeu:

— Está apostada uma libra. Salta lá. Sempre te quero vêr quebrar o nariz.

Então, quando o Tartarin se aprontava para dar o pulo, ouviu-se a voz do pequeno clamar:

— Ó papá, ó papá, não aposte, porque Tartarin, por uma libra, salta tudo!...

— Porque é que o senhor não foi ontem ao baile da condessa?

— Absteve-me de lá ir por um motivo todo pessoal e muito importante.

— Pode saber-se qual foi?

— Digo a V. Ex.^a, se me promete um segredo absoluto.

— Prometo.

— Pois bem! A verdade é... que não tive convite!

Um saloio da Malveira mandou servir como criada, numa casa de Lisboa, uma sua filha ainda nova, mas que já estava muito desdentada.

Passados anos, a rapariga, a conselho dos patrões, mandou pôr uma dentadura postiça.

Indo à Malveira de visita à família, o pai, ao vê-la, exclamou para a mulher, cheio de convicção:

— Ó Maria: Lisboa é tão boa terra que até lá nascem os dentes às pessoas crescidas!...

Um frenólogo, ao examinar o crânio de um cliente declarou apontando para uma bossa:

— Esta bossa indica que o senhor tem uma grande queda para a música.

— É exacto: êsse "galo" fi-lo caíndo contra um piano.

— Aqui, onde me vê, já entrei um dia numa jaula de leões.

— E não teve medo?

— Medo! De quê? Os leões, já lá não estavam...

— Ó mamã, o que é uma hiena?

— É um animal muito feio e muito feroz.

— Então porque é que o papá, sempre que se refere à avó, diz que ela é uma hiena?



Uma pobre mulher, indo aviar uma receita, reparou que o farmacêutico pesava meticulosamente dois centigramas de estriquinina, segundo a indicação médica.

— Não seja tão miserável — suplicava ela — mande isso bem pesado que é para uma pessoa muito pobre.

Um indivíduo, ao ir buscar o sobretudo e o chapéu que deixara no vestiário dum teatro, exige o que lhe pertence sem qualquer esclarecimento.

— É necessária a chapa numerada que dei a V. Ex.^a — declara o empregado, com tôda a paciência.

— Procure-a no bolso do meu sobretudo. Foi lá que eu a guardei para que não se perdesse.

— Ó Silvestre!... para onde vais tu, a correr com tôda essa pressa?

— Deixa-me, homem!... Vou para o entêro do meu chefe. Bem sabes quanto êle se preocupava com a nossa pontualidade.

Um indivíduo, tendo comprado uma secretária magnífica, meteu-lhe nas gavetas todos os valores que possuía. Como alguém lhe notasse que deixava as chaves nas respectivas fechaduras, declarava:

— Tomo as minhas precauções. Se vierem os gatunos assaltar-me a casa, não precisam de estropiar êste riquíssimo movel!

— Ó papá, os selvagens não usam relógio?

— Não, meu filho.

— Então como sabem êles as horas?

— Contam pelos dedos.

— Fôste ao entêro do Silveira? — perguntaram a um velho frequentador de teatros, no dia seguinte ao funeral dum conhecido empresário.

— Fui, mas não fiz nenhum turno. Calcula tu que, nem depois de morto, lhe consegui apanhar uma "borla"!...

A senhora para a criada:

— Como é que fugiu o canário, estando a gaiola fechada?

— Fui eu que a deixei aberta.

— E porque fez isso?

— Para arejar, visto começar a ter mau cheiro.

À passagem dum luxuosíssimo funeral, um dos mirones pergunta a outro:

— Sabe dizer-me quem é o morto?

— Não sei ao certo. No entanto, calculo que deve ser o que vai no carro da frente.

Uma senhora, tendo colocado uma dentadura postiça, regressou ao dentista a reclamar, visto não poder suportá-la.

— Esta dentadura causa-me dores horríveis! Não sei como o senhor fez isto.

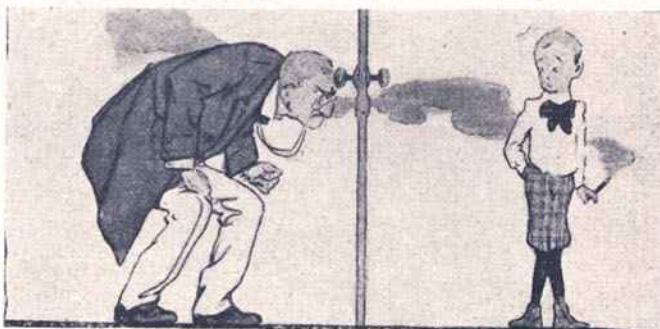
— Isso prova que ficou tão perfeita como a natural que lhe arranquei... Pois se até lhe doi!

OS CINCO SENTIDOS



CHEIRAR

GOSTAR



VÊR

OUVIR



APALPAR

FACTOS E NOTÍCIAS



Neves da Costa. — O ponderado autor de obras de fôlego em que se preconizam as soluções corporativas, ingressa agora no campo histórico, apresentado um grosso volume que intitulou «A traição de Gomes Freire». O título arrepiá, mas, em face dos documentos apresentados, só nos resta estudá-los com imparcialidade, e apurarmos a verdade que encerram. Não basta acusar, é necessário provar. Eis o que vamos verificar no terrível libelo acusatório que nos apresentam



Maurício de Oliveira. — Maurício de Oliveira, o propagandista máximo da «Armada Gloriosa» que ainda há pouco concluiu em obra monumental, não descansa. Aproveitando a monção, acaba de publicar «A tragédia hespanhola no mar» em que são fornecidas as mais exactas informações sobre os efectivos das esquadras em lutas e os mais formidáveis lances dos encarniçados combates travados entre os nacionalistas e os governamentais da nação vizinha



Antero de Figueiredo. — «Fátima» é o novo livro do grande escritor Dr. Antero de Figueiredo. Nesta obra grandiosa que só o consagrado autor da «Senhora do Amparo» e do «Último olhar de Jesus» poderia escrever, passa a Videte de Fátima, a expatriada Lúcia, tal qual como é. Do êxito desta obra poderá avaliar-se, sabendo-se que em cinco dias se esgotaram três edições



A organização corporativa do Estado Novo continúa a sua função reformadora. A nossa gravura apresenta o cortejo realizado em Matosinhos por ocasião das solenes cerimónias da assinatura dos contratos colectivos de trabalho em benefício dos conserveiros e dos operários da construção naval e dos barqueiros e fragateiros do distrito do Porto. — A' direita: O almirante Castro Ferreira com o corpo docente da nova Escola Naval, no Alfeite. A nossa nova Academia de Marinha, instalada a rigor, entrou em funcionamento. O ilustre marinheiro encerrou o seu discurso com estas palavras: «— Como director e como almirante, prestes a abandonar a carreira no activo, desejo-vos uma vida brilhante ao serviço da Pátria e da Armada!»



Missa de sufrágio, na Igreja dos Mártires, por alma dos príncipes D. Afonso Carlos de Bourbon e D. Carlos de Bourbon e Orleans. A colónia espanhola encontrava-se largamente representada. A nossa gravura apresenta o catafalco simbólico vindo-se à direita o sr. D. Duarte Nuno de Bragança. — A' direita: Os concorrentes do torneio de «Ping-Pong» do Club Colombófilo. A' frente encontram-se as equipas do Sporting e do Benfica, sendo esta última a vencedora do torneio

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^a ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinhã; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Monossilábico, de Miguel Caminha; Dicionário do Charadista, de A. M. de Sousa; Fábulas, de Chompté; Adágios, de António Delicado e Dicionário de Máximas, A. ágios e Provérbios.

APURAMENTO GERAL DO ANO DE 1935

Resumo das produções publicadas: Mefistofélicas, 72; metagramas, 3; novíssimas, 171; sincopadas, 179; logógrafos, 13; enigmas em verso, 32; enigmas figurados, 21; enigmas pitorescos, 3. Total - 494.

Produtores: Aço, 4; Africanista, 6; Alfa & Ómega, 3; Anastácio, 3; Aníbal Ortiz Martins, 2; Antolimo, 5; Augustbello, 5; Augusta Vitória, 5; Avlis Yur, 6; Bad Ahmed, 1; Bêbé, 5; Bisnau, 10; Braz Cadunha, 8; Carlos Elmano, 1; Chim Pan Zé, 1; Conquistador, 2; Dama Negra, 8; Deka, 5; D. Aurora, 1; D. Campeador, 1; Doridófilos, 4; Dr. Ferrol, 2; Dr. Sinal, 1; Efonsa, 16; El-Rei Gomos V, 1; Eu & Outro, 1; Ferjobatos, 12; Fernambelo, 3; Filho d'Algo, 2; Frei Satanaz, 3; Galhardo, 3; Gigantezinho, 5; Gisita, 5; Hary, 2; Henriqueta, 1; Infante, 1; Ivanoff, 1; Jobema, 7; John Biffe, 9; José Tavares, 8; Júlio César, 7; Kábula, 11; Leinad, 1; Leirbag, 3; Lengueluca, 4; Lérias, 13; Lord X, 6; Magnate, 24; Maria Helena, 1; Maria Luíza, 9; Márius, 4; Micles de Tricles, 13; Milecas, 1; Mimi Bácia, 3; Miquita, 1; Miriam, 1; Mirones, 1; Miss Diabo, 2; Mister Anão, 1; Miúdo & Graúdo, 7; Morentinha, 3; Nêné, 5; Olegna, 9; Olho de Lince, 10; Padre Matos, 4; Papo Sêco, 1; Pinoca, 2; Piolim, 4; Pobre Marreco, 2; Raku, 1; Rás Kassa, 1; Rei do Sêbo, 1; Rei Jhá, 3; Reinadão, 9; Rei Pavor, 3; Repórter Fatal, 1; Rogério Gômes Cunha Correia, 3; Sileno, 6; Silva Lima, 2; Só Darco, 4; Só Darco Jr., 5; Sodargil, 1; Só Na-Fer, 5; Sonhador, 1; Sôpmac, 4; Stop, 1; Ti-Beado, 61; Tino de Obidos, 4; To-My, 1; Trombone de Varas, 1; Ulsi Rafer, 1; Valério, 5; Veiga, 18; Vidalegre, 12; Vina, 1; Visconde da Relva, 1; Vitor Pinto Pinheiro, 4; V. Liás, 3; Xave Ir, 1; Xicantunes, 3; Zé das Hóstias, 4; Zé Nabo, 1. Total - 494.

Decifradores: Cantante & Ca, 494; Frá-Diávolo, 494; Gigantezinho, 494; José da Cunha, 494; Alfa-Romeo, 493; Fan-Tan, 491; Ti-Beado, 400; Só Lemos, 405; Só Na-Fer, 393; Salustiano, 395; Rei Luso, 391; Sonhador, 370; Lamas & Silva, 307; João Tavares Pereira, 304; Magnate, 304; Salustiano II, 274; Kábula, 262; D. Dina, 224; Lisbon Syl, 202; Aldeão, 187; Silva Lima, 109; Efonsa, 31.

Classificação dos Decifradores: Totalistas - Cantante & Ca, Fra-Diávolo, Gigantezinho, José da Cunha; 90% ou mais - Alfa-Romeo, Fan-Tan; 75% ou mais - Ti-Beado, Só Lemos, Só Na-Fer, Salustiano, Rei Luso, Sonhador; 50% ou mais - Lamas & Silva, João Tavares Pereira, Magnate, Salustiano II, Kábula; 25% ou mais - D. Dina, Lisbon Syl, Aldeão.

Classificação dos Produtores - Com Quadros de Distinção: Braz Cadunha, 5 Quadros de Distinção; Dama Negra, 2; Efonsa, 2; Jobema, 2; Mimi Bácia, 2; Olegna, 2; Sileno, 2; Vidalegre, 2; Dr. Sinal, 1; Magnate, 1; Veiga, 1; Zé das Hóstias, 1; Zé Nabo, 1.

Com Quadros de Consolação: Sileno, 4 Quadros de Consolação; Braz Cadunha, 2; Dama Negra, 2; Efonsa, 2; Magante, 2; Olegna, 2; Bisnau, 1; El-Rei Gomos V, 1; Frei Satanaz, 1; Kábula, 1; Lérias, 1; Micles de Tricles, 1; Olho de Lince, 1; Stop, 1; Vina, 1; Zé das Hóstias, 1.

Outras Distinções: Veiga, Efonsa, Jobema, Micles de Tricles, Bisnau, Olegna, Olho de Lince, Anastácio, Augusta Vitória, Bêbé, Braz Cadunha, Dr. Ferrol, Eu & Outro, Ferjobatos, Henriqueta,

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

NÚMERO 70

José Tavares, Magnate, Maria Luíza, Miss Diabo, Reinadão, Só Darco Jr., Trombone de Varas, Valério.

Nota: A organização destes apuramentos deve-se, mais uma vez, à comprovada gentileza do nosso amigo e distinto confrade Ti-Beado, de Luanda.

Como já se disse quando da publicação dos apuramentos relativos a 1934, a inserção deste trabalho faz-se unicamente a título de curiosidade.

APURAMENTOS

N.º 61

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

SILENO

N.º 15

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

ELSA

N.º 14

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 8, Filho d'Algo; n.º 13, Mad Ira; n.º 16, Yzinha; n.º 17, José Tavares.

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade - 20 pontos

Alfa-Romeo, Frá-Diávolo, Cantante & C.^a, Gigantezinho, José da Cunha, Fan-Tan, Oldemiro Vaz, Pérola Negra, Magnate.

QUADRO DE MÉRITO

Rei Mora, 19. - Capitão Terror, 19. - Salustiano, 18. - Rei Luso, 17. - Só Na-Fer, 17. - Ti-Beado, 16. - Só Lemos, 14. - Sonhador, 14. - João Tavares Pereira, 14. - Dr. Sicasar (L. A. C.), 12. - Lamas & Silva, 11. - Salustiano, 10.

OUTROS DECIFRADORES

Elsa, 8. - D. Dina, 8. - Lisbon Syl, 7. - Aldeão, 5.

DECIFRAÇÕES

1 - Pato-tola-patola. 2 - Manda-Dora-mandora. 3 - Flores-resta-floresta. 4 - Amorosa. 5 - Compadre. 6 - Apoiado. 7 - Quebrada queda. 8 - Dolente-dote. 9 - Pindonga-pinga. 10 - Arenga-agá. 11 - Aia-o-ão. 12 - Apuridar-se. 13 - Arca-cano-arcano. 14 - Mágua. 15 - Pecado. 16 - Nana. 17 - Pêlago-pêgo. 18 - Fumeiro-furo. 19 - Lidado-lido. 20 - Já no mar, já na terra.

TRABALHOS DESENHADOS

11) ENIGMA PITORESCO



Biscaia - Alb.-a-Velha

Quim Mosquito

TRABALHOS EM PROSA

MEFISTOFÉLICAS

1) Um decalitro qualquer bebe, quanto mais uma dezena... (2-2) 3.

Lisboa Lilitana

2) Ó minha cunhada: não quero comprar o rebanho de gado graúdo que herdaste. (2-2) 3.

Luanda Ti-Beado

NOVÍSSIMAS

3) Houve cilada na direcção... 2-1.

Lisboa Lisbon Syl

4) Dentro duma vala, ou duma banheira, apressa-se mais uma ária curta. 2-2.

Luanda Ti-Beado

5) Um tanto de mau humor, vibrei-lhe uma facada. 2-2.

Lisboa Zé da Burra

SINCOPADAS

6) Patife! o teu destino está na ponta duma navalha. 3-2.

Lisboa Morentinha

7) Comprei uns sapatos a fim de não andar descalço. 3-2.

Lisboa Négus Veiga (Abexins)

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA

8) Se no feminino É ova leitosa, É muito gostosa, É no masculino Um matrimónio Só do demónio. No aumentativo É bac'ro que mama, E que não quer' cama.

Luanda Ti-Beado

NOVÍSSIMAS

9) Charadistas camaradas Do chamado sexo fraco Deixai agora as charadas Que não valem um pataco,

À vista do importante Caso que vou relatar: Sou homem fino, elegante, Pretendo agora casar!

Não sinto pejo em dizer - 3 Meu desejo, porque, enfim, Por casar estou a morrer... Qual de vós me dá o sim?

Sou charadista de fama, Tenho «massa» com fatura, E o meu coração derrama Só amor e só doçura...

Sòmente para casar - 1 Tenho um ponto a resolver: Há de tudo no meu lar, Falta apenas a mulher!...

Tímido por natureza, Meu coração não consente Que eu possa usar da franqueza De pedir directamente...

Quem quiser para marido Este rico charadista Deve fazer o pedido Depressa para a Revista.

Lisboa D. Trovador

SINCOPADA

10) Vão desejo a sorte grande, Que não me sai nunca mais! Cada vez mais falto ando De bastantes cabedais... - 3-2

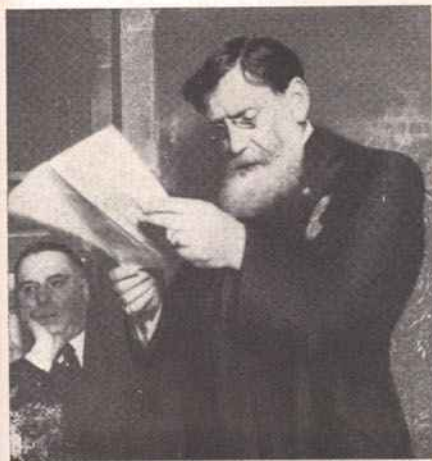
Lisboa Morentinha

Tôda a correspondência relativa a esta secção deve ser dirigida a LUIZ FERREIRA BAPTISTA, redacção da Ilustração, rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa.

ACTUALIDADES DA QUINZENA



NA Academia das Ciências foi evocada a figura imortal de Rui Barbosa, tendo o insigne escritor dr. Júlio Dantas, que presidiu à sessão, traçado o perfil do glorioso brasileiro que, no conceito de Silvio Romero, foi «o maior génio verbal da raça». O eminente académico, com dominadora e fulgurante eloquência, classificou Rui Barbosa de «verdadeiro Proteu intelectual, semi-deus da palavra falada e escrita que animou com a pura chama da eloquência as tribunas parlamentar e forense do seu país». Em seguida, o sr. dr. Queiróz Veloso fez o elogio do grande brasileiro — A' direita: Uma homenagem da Câmara Municipal de Lisboa ao dr. Manuel de Arriaga. A gravura representa a família do antigo Presidente da República, com o presidente da Câmara e o pintor Abel Manta, junto do retrato do dr. Manuel de Arriaga, após o seu descerramento



REVESTIU a maior solenidade a cerimónia do jubileu do grande escultor Teeixeira Lopes, realizada no Pôrto. A nossa gravura apresenta o insigne artista lendo o seu discurso de agradecimento em que evocou a sua vida de mais de meio século de trabalho pela Arte. — A' direita: Grupo de senhoras que fez o pediditório para os cancerosos pobres na freguesia das Mercês, verificando-se com prazer que o povo de Lisboa acolheu com a maior simpatia esta benemérita cruzada



ALMOÇO oferecido pelo «Foyer» dos Antigos Combatentes Franceses e Belgas à Comissão dos Padrões da Grande Guerra. A nossa gravura apresenta um aspecto da assistência. — A maquete aprovada do monumento a Mousinho de Albuquerque, vendo-se o sr. Presidente da República, ministros das Colónias e Educação Nacional, examinando o projecto do escultor Simões de Almeida e do architecto António do Couto, que ficou classificado em 1.º lugar. A idéia dos artistas foi plenamente realizada. A estátua apresenta linhas harmónicas e recôrte clássico, tornando-se, portanto, digna do glorioso português que soube honrar a Pátria nas adustas paragens africanas

PIM DE PESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — V. 10, 5.
Copas — D. V. 9, 3.
Ouros — D. 10, 7.
Paus — D. 4.

Espadas — 2. **N** Espadas — A. D. 9, 6.
Copas — 8, 5, 4. **O E** Copas — 6.
Ouros — 9, 4, 3, 2. Ouros — A. V. 8.
Paus — V. 9, 8, 7. **S** Paus — A. 10, 6, 5.

Espadas — 7.
Copas — A. R. 10, 7, 2.
Ouros — R. 6, 5.
Paus — R. 3, 2.

Trunfo é copás. S joga e faz 9 vasas.

(Solução do número anterior)

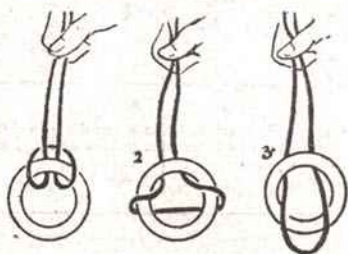
O joga a Dama de paus, N o Rei de paus.

N joga o Az de ouros, S balda se ao 10 de espadas.

N joga a Dama de ouros que S corta com o S de copas e joga Az, Rei e Valet de paus, baldando-se N ao valet de ouros.

S joga o Valet de espadas e N toma a mão com Az de espadas e joga a Dama de copas, baldando-se S à Dama de espadas libertando as espadas de N.

Habilidade fácil



Ata-se um pedaço de cordel a uma argola como no primeiro desenho e puxando fortemente aquele, dão-se as suas duas extremidades a segurar a alguém. Comprometemo-nos, então, a soltar a argola do cordel mantendo-se seguras as duas pontas. Isto parece um tanto esquisito, de repente, mas basta olhar para os outros dois desenhos para ver como e com quanta facilidade se faz.

É alargar a azelha e fazê-la passar por trás da argola como na gravura 2. Poder-se-há imediatamente soltar esta do cordel como na gravura 3. Nada mais simples.

Um Sherlock Holmes americano

... chefe de polícia de Tewksbury, Massachusetts, Mr. Cyril Barker, notou que, durante três semanas de frio intenso, certo rio da sua juris-

dição era o único que não havia gelado. Quando observou que os peixes nadavam com desusada rapidez no dito rio, redobram as supeitas que já tinha.

Mandou analisar a água por um químico e descobriu-se que ela continha álcool. O chefe da polícia seguiu, então, o curso do rio até à nascente e descobriu ali uma fábrica de destilação clandestina em pleno funcionamento.

Que objecto será?

(l'assatempo)



No meio destas sete manchas negras que aqui se vêem está escondido um objecto que não é nenhuma coisa extravagante mas sim até de uso muito vulgar, principalmente nas adegas, cozinhas, farmácias e laboratórios de fotografia.

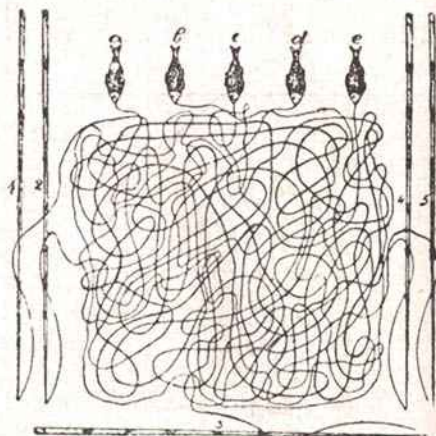
A única dificuldade que há para o encontrar, consiste em mudar a posição das manchas negras. Se se lhes der outra, diversa daquela em que estão, e forem colocados na sua forma devida, em breve se verá aparecer, no meio delas, o objecto que se procura.

Origem da palavra saloio

Quando D. Afonso Henriques conquistou Lisboa aos mouros, por não despovoar a terra, deixou-os ficar de posse dos seus bens e casas, impondo-lhes certos tributos. Este benefício e tolerância, que a política e a humanidade aconselhavam, estendeu-se aos lugares circunvizinhos da cidade. Esta foi logo aumentando em população cristã, que em si absorveu a raça mourisca pelo decurso dos tempos, o que não era tão fácil no campo. Dizem que a estes mouros dos arredores davam antigamente o nome de *çaloyos* ou *Saloios*, tirado do título da reza que repetem cinco vezes no dia, chamado *çala*. Ficou subsistindo o nome, ainda depois de povoados esses lugares por cristãos; e talvez da mesma origem proviesse um antigo tributo que se pagava do pão cosido em Lisboa e seu termo, e que era conhecido pela denominação de *çalayo*.

Os peixes e as canas

(Problema)



Estão aqui cinco peixes e cinco canas. Na extremidade destas cinco canas e conforme a regra, temos a linha de seda à qual está preso um dos cinco peixes.

Como se vê, as linhas estão embaraçadas umas nas outras; a solução do problema consiste simplesmente em descobrir qual é a linha mais comprida.

As canas estão numeradas 1, 2, 3, 4, 5 e os peixes marcados A, B, C, D, E.

Tomando precauções

Certo dia, estando Cornelio Vanderbilt no seu escritório, apresentou-se-lhe o filho de um seu antigo amigo e disse-lhe:

— Sr. Vanderbilt, estou arruinado e tenho de pagar uma dívida de jôgo. Emprésteme dez mil *dollars* ou faço saltar os miolos neste mesmo instante.

Vanderbilt pegou na pena e pôs-se a escrever.

— O meu estratagem deu resultado - pensou o rapaz. — Está preenchendo o cheque...

— Tome - disse o banqueiro. Faça favor de assinar isto. Convém tomar tôdas as precauções. Depois, pode matar-se, se quiser.

O papel dizia o seguinte:

«Eu, abaixo assinado, declaro que me suicidei voluntariamente no escritório do sr. Cornelio Vanderbilt. Escrevo isto para que o dito senhor não seja incomodado.»

O pretenso suicida retirou-se furioso, e desapontado chamando Harpagaço ao milionário



— Ora, o que vem a ser isto! Vem a ser a Joaquina que não quiz que eu a ajudasse a bater as claras do pudim.

Um livro aconselhavel a toda a gente



A SAÚDE A TROCO

de um quarto de hora de exercício
por dia

O MEU SISTEMA

POR J. P. MÜLLER

O livro que mais tem contribuido
para melhorar fisicamente o homem
e conservar-lhe a saúde

O tratado mais simples, mais ra-
zoavel, mais pratico e útil que até
hoje tem aparecido de cultura fisica

Eficaz e benemérito

verdadeira fonte de saúde e de bem
estar fisicos e morais

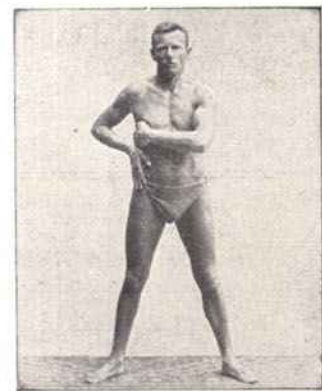
1 vol. do formato de 15×23 de 126 págs., com
119 gravuras, explicativas, broch. . . . **8\$00**

pelo correio à cobrança **9\$00**



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



Um grande sucesso de livraria

DONA SEM DONO

Romance de Samuel Maia, o consagrado autor do "Sexo Forte"

1 vol. de 320 pags., com uma sugestiva capa a côries, broch. Esc. 12\$00;
encad. Esc. 17\$00; pelo correio à cobrança mais 1\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, 73, Rua Garrætt, 75 — LISBOA

**SENSACIONAIS REVELAÇÕES CIENTÍFICAS
RESULTANTES DE PROFUNDAS
INVESTIGAÇÕES**

Estudos sôbre Quirologia, Metoposcopia e Astrologia

Segundo os métodos modernos do Prof. FANNY LORAINÉ

Curiosas divulgações sôbre o Destino. A vida do homem está escrita nas linhas da mão, definida pelas rugas da testa e regulada pelas influências astrais



A quirologia é uma ciência, e como todas as ciências, está baseada em verdades positivas, filhas da experiência e que portanto, por serem demonstráveis, são indiscutíveis.

Conhecimento dos caracteres dos homens por meio dos vários sinais da testa. As sete linhas da fronte.
As raízes da Astrologia. A lua nos signos do zodíaco.

Nesta interessantíssima obra qualquer pessoa encontra nas suas páginas o passado, o presente e o futuro.

1 vol. broc. de 186 págs., com 8 gravuras em papel couché e 21 no texto, Esc. 10\$00, pelo correio à cobrança, Esc. 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — Lisboa

À VENDA

o 5.º volume

CAMÕES LÍRICO

(CANÇÕES)

PELO DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

Este volume completa a obra Camões Lírico, da Antologia Portuguesa

1 vol. de 320 págs. broch. 12\$00
Pelo correio à cobrança..... 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

ESTÁ À VENDA A

7.ª EDIÇÃO — 11.º milhar

LEONOR TELES

“FLOR DE ALTURA”

POR ANTERO DE FIGUEIREDO

Da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Brasileira de Letras

1 vol. de 334 págs., broc. Esc. 12\$00
Pelo correio à cobrança . . . Esc. 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

a 3.ª edição, corrigida, de

O Romance de Amadis

reconstituído por Afonso Lopes Vieira

1 volume de 230 páginas, ilustrado, brochado..... 15\$00
Pelo correio, à cobrança 16\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

- O Bôbo** (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado..... 10\$00
- Eurico, o presbítero**, (Romance). — 388 páginas, brochado..... 10\$00
- O monge de Cister**, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20\$00
- Lendas e Narrativas** — 2 vols. com 667 páginas, brochado..... 20\$00
- História de Portugal** (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado..... 96\$00
- Estudos sôbre o casamento civil** — 284 páginas, brochado 10\$00
- História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal** — 3 vols., 1.139 páginas, brochado..... 30\$00
- Composições várias** — 374 páginas, brochado..... 10\$00
- Poesias** — 224 páginas, brochado..... 10\$00
- Cartas** (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado..... 20\$00

Opúsculos :

- Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
 - II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
 - III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
 - IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
 - V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
 - VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
 - VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
 - VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
 - IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
 - X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas
- Cada volume, brochado..... 10\$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado..... 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.ª Sára Bennell e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. 25\$00

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Em tomos de 32 páginas, cada tomo ... 10\$00
Cada vol., brochado. 120\$00
" " encadernado em percalina... 160\$00
" " " " carneira ... 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M.ª X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
FLES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CHIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

Venda a prestações contra entrega imediata da obra. O cliente paga a 1.^a prestação e leva para casa os 21 volumes



HISTÓRIA UNIVERSAL

de GUILHERME ONCKEN

A mais completa e autorizada história universal até hoje publicada

Tradução dirigida por

CONSIGLIERI PEDROSO, AGOSTINHO FORTES, F. X. DA SILVA TELES e M. M. D'OLIVEIRA RAMOS
antigos professores de História, da Faculdade de Letras

21 vols. no formato de 17^{cm.} × 26^{cm.}, 18.948 págs., 6.148 grav. e 59 hors-textes

ENCADERNAÇÃO PRÓPRIA EM PERCALINA

Os poucos exemplares que restam, resolveram os editores, para facilitar a sua aquisição, vendê-los a prestações mensais

Preço desta obra colossal, encadernada, **Esc. 1.365\$00**

1.^a prestação, Esc. 165\$00 — As restantes 12, a Esc. 100\$00 cada mês

Com o pagamento da 1.^a prestação o comprador leva imediatamente a obra completa para enriquecer a sua estante ou a sua banca de trabalho

Peçam informações mais detalhadas à

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

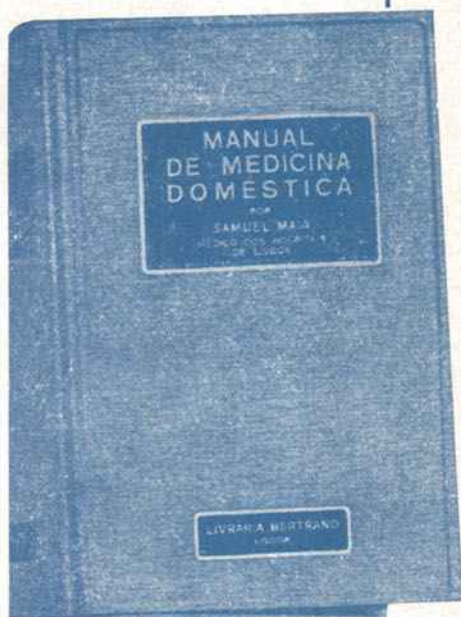
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc.; etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na **ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, como no interior e **sempre que seja preciso actuar imediatamente**, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75



O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de estudo e de consulta que deve existir em casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em óptimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM UNICO VOLUME, manuseável, de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos



Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa